

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e
Patrimônio Cultural



DISSERTAÇÃO

**Fragmentos da Memória de uma Fábrica na Coleção Fotográfica
Laneira Brasileira Sociedade Anônima**

Chanaísa Melo

Orientadora: Profa. Dra. Francisca Ferreira Michelin

Pelotas, 2012

CHANAÍSA MELO

**Fragmentos da Memória de uma Fábrica na Coleção Fotográfica
Laneira Brasileira Sociedade Anônima**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Francisca Ferreira Michelon

Pelotas, 2012

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação:
Bibliotecária Daiane Schramm – CRB-10/1881**

M421f Melo, Chanaísa

Fragmentos da Memória de uma Fábrica na Coleção
Fotográfica Laneira Brasileira Sociedade Anônima. /
Chanaísa Melo; Orientadora: Francisca Ferreira Michelin. –
Pelotas, 2012.

131f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação
em Memória Social e Patrimônio Cultural. Instituto de
Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

1. Patrimônio Industrial. 2. Memória. 3. Fotografia. 4.
Laneira Brasileira S. A. 5. Sistematização de Acervos. I.
Michelin, Francisca Ferreira, orient. II. Título.

CDD 300

Banca Examinadora:

.....

Profa. Dra. Francisca Ferreira Michelin (UFPEL) (Orientadora)

.....

Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Júnior (UFPEL)

.....

Profa. Dra. Isabel Porto Nogueira (UFPEL)

Dedico este trabalho a todos que fizeram parte da história da Laneira Brasileira Sociedade Anônima – Indústria e Comércio.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à minha família, por me proporcionar a oportunidade de realizar mais esta etapa profissional longe de casa, apoiando-me e incentivando-me incondicionalmente;

Aos meus amigos de Rio Grande, Caroline Ança, Paulo Sérgio, Xenia Veloso, Daniel Duarte, Cintia Nakayama e Lidiane Freire pela compreensão, amizade e carinho numa fase de mudanças em minha vida;

À mestre e amiga Cláudia Brandão, por toda ajuda e incentivo desde a graduação;

Às amigas de Pelotas Mariana Wertheimer, Kelly Schmidt, Ângela Macalossi e Keli Scolari, por compartilharem dos momentos difíceis e alegres dessa caminhada;

À professora e orientadora Francisca Ferreira Michelin, pelo desafio, confiança e ajuda na realização dessa pesquisa;

À Ana Lucia Silva Pinto, Márcia Abreu, Sr. Gerônimo Borba Leivas, Sr. Elmo Vieira da Silva e Sr. Marco Aurélio Costa, por compartilharem comigo algumas de suas vivências na antiga indústria Laneira Brasileira S. A.;

E por fim, às pessoas que participaram, mesmo que por instantes, no processo de desenvolvimento e concretização desse trabalho.

“Ao olharmos uma fotografia estamos a incluir nela todas as alterações que o tempo provocou naquilo que essa imagem tenta representar; a fotografia apresenta-se, assim como uma máquina de medir o tempo, - e o tempo é a inscrição mais definitivamente humana na nossa ação no mundo”.

Maria do Carmo Séren, 2002.

Resumo

MELO, Chanaísa. **Fragmentos da Memória de uma Fábrica na Coleção Fotográfica Laneira Brasileira Sociedade Anônima**. 2012. 131 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

A Laneira Brasileira Sociedade Anônima, localizada no Bairro Fragata, em Pelotas/RS, foi uma importante indústria para a comunidade pelotense, ajudando no desenvolvimento econômico e social da cidade, por meio das atividades voltadas para produção e comercialização de lã, durante mais de cinquenta anos. Devido à falência, a Laneira encerrou seu processo de beneficiamento da lã em 2003. No ano de 2010, foi adquirida pela Universidade Federal de Pelotas para a instalação de novas unidades da instituição, bem como a constituição de um memorial sobre a extinta indústria. De seu espaço foram resgatados inúmeros artefatos materiais, os quais levam a imaginar e a reinterpretar a trajetória desse local, como as fotografias. O presente trabalho objetiva discutir as possibilidades da fotografia como suporte para o patrimônio industrial, no caso do Memorial da Laneira Brasileira S. A., evidenciando metodologias de sistematização que possibilitem trazer informações a respeito do trabalho fabril dessa indústria.

Acredita-se que as ações efetivadas para a organização do acervo fotográfico da Laneira sejam fundamentais para a compreensão de sua história no período de seu funcionamento, contribuindo para a criação do memorial referente a esse patrimônio industrial pelotense.

Palavras-chave: Patrimônio Industrial, Memória, Fotografia, Laneira Brasileira S. A., Sistematização de Acervos.

Abstract

MELO, Chanaísa. **Memory Fragments of a factory at Laneira Brazilian Corporation's Photographic Collection.** 2012. 131 f. Dissertation (Master Degree) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Laneira Brasileira Sociedade Anônima, located at the district of Fragata in the city of Pelotas, Rio Grande do Sul, Brazil, was an important factory for the Pelotas' community. For more than 50 years it helped the social and economical development of the city through activities focused in wool production and commercialization. In 2003 the factory terminated its activities due to bankruptcy. In the year of 2010 Universidade Federal de Pelotas, Federal University of Pelotas, bought the Laneira's building to install some branches of the University and to create a memorial of the extinct factory. Inside of the building a variety of artifacts, like photographs, were found which can lead to new interpretations of the factory's path.

This study will discuss photography as historical documents to the industrial heritage, in the Laneira Brasileira S. A.'s case, evidencing systematic methodologies which can bring information about the manufacturing of this company.

It is believed that the organization of the Laneira's photographic collection is fundamental to understanding its history while the factory was in full operation. This organization contributes to the creation of the memorial related to this patrimonial heritage of Pelotas.

Keywords: Industrial Heritage, Memory, Photography, Laneira Brasileira S. A., Systematize Files.

Lista de Figuras

Figura 1	Bolsa de Carvão antes da demolição, Londres, 1962	23
Figura 2	Pórtico da Estação Euston antes da demolição, Londres, 1960	24
Figura 3	Mercado Central, Paris, 1944 – 1945	24
Figura 4	Fundição Real Fábrica de Ferro São João do Ipanema, Iperó – SP, 1884	25
Figura 5	Setor de classificação de lã, fotografia PB, s/ data	34
Figura 6	Caldeira Primitiva, fotografia PB, s/ data	35
Figura 7	Setor de lavagem de lã, fotografia PB, s/ data	36
Figura 8	Máquina de cardagem de lã, fotografia PB, s/ data	37
Figura 9	Vista parcial da fachada da Laneira Brasileira S. A., fotografia PB, s/ data	39
Figura 10	Escritório, fotografia PB, s/ data	39
Figura 11	Manutenção da Caldeira, fotografia PB, s/ data	40
Figura 12	Extinta indústria Laneira Brasileira S. A.	41
Figura 13	Antigo pavilhão utilizado para depósito de produtos acabados	41
Figura 14	Prédio do curso de Turismo (antiga casa do Senador Assumpção)	45
Figura 15	Prédio do curso de Direito	46
Figura 16	Campus Porto (antigo Frigorífico Anglo)	47
Figura 17	Antiga fábrica da Brahma	47
Figura 18	Vista aérea da antiga indústria Laneira Brasileira S. A., década de 1980	48
Figura 19	Gabinete de curiosidades, 1599	49
Figura 20	Classificação do velo de lã, fotografia PB, s/ data	53
Figura 21	Lote de Moldes	54
Figura 22	Sala de documentação – NDH	56
Figura 23	Sala da Fototeca Memória da UFPEL	57
Figura 24	Gabarito	58
Figura 25	Molde	58

Figura 26	Lote de Expositores de lã	59
Figura 27	Lote de Moldes	59
Figura 28	Sala com os artefatos que permaneceram na Laneira	60
Figura 29	Sala com os artefatos que permaneceram na Laneira	60
Figura 30	Setor de classificação da lã, fotografia PB, s/ data	67
Figura 31	Setor de lavagem da lã, fotografia PB, s/ data	68
Figura 32	Praia de arear, fotografia cor, 1994	69
Figura 33	Máquina de prensar lã, fotografia PB, s/ data	70
Figura 34	Máquina de cardagem de lã, fotografia PB, s/ data	71
Figura 35	Máquinas intersectings, fotografia PB, s/ data	71
Figura 36	Penteagem de lã, fotografia cor, s/ data	72
Figura 37	Máquina Frotteur utilizada para fiação, fotografia cor, 1994	73
Figura 38	Tinturaria, fotografia cor, 1994	73
Figura 39	Documento referente aos cargos exercidos na Laneira Brasileira	74
Figura 40	Documento referente aos cargos exercidos na Laneira Brasileira	75
Figura 41	Imagem dos álbuns fotográficos da Coleção LBSA	79
Figura 42	Folha de um dos álbuns da Coleção Laneira Brasileira S. A	79
Figura 43	Fotografias anexadas em documento de papel	80
Figura 44	Documentos de compra e venda de imóveis	82
Figura 45	Documento de contrato de trabalho	83
Figura 46	Planta baixa dos setores da fábrica	83
Figura 47	Apreensão de lã roubada, fotografia PB, s/ data	84
Figura 48	Caldeiras ATA, fotografia PB, s/ data	85
Figura 49	Escritório de pesagem de lã, fotografia PB, s/ data	85
Figura 50	Inauguração do refeitório - funcionários, fotografia PB, década de 1950	86
Figura 51	Vista parcial da fachada do Lanifício T. Albornoz, fotografia cor, s/ data	86
Figura 52	Estância do Refúgio, fotografia cor, década de 1980	87
Figura 53	Palestra, fotografia cor, 1984	87

Figura 54	Confraternização - funcionárias, fotografia cor, 1984	88
Figura 55	Grêmio Atlético Laneira, fotografia PB, s/ data	88
Figura 56	Cabanha São Francisco – Premiação, fotografia PB, 1960	89
Figura 57	Formatura – Turma de Corte e Costura, fotografia PB, s/ data	89
Figura 58	Estande de produtos, fotografia cor, 1992	90
Figura 59	Estande de produtos, fotografia cor, 1992	90
Figura 60	Escritório, fotografia cor, 1994	91
Figura 61	Pavilhão central - estoque, fotografia cor, 1994	91
Figura 62	Máquina de cardagem de lã, fotografia PB, s/ data	92
Figura 63	Máquina antiga de cardagem de lã, fotografia PB, s/ data	92
Figura 64	Vista parcial da fachada da Laneira, fotografia cor, 1978	93
Figura 65	Vista parcial dos fundos da Laneira, fotografia cor, 1978	93
Figura 66	Carregamento de fardos de lã, fotografia PB, s/ data	94
Figura 67	Transporte de fardos de lã, fotografia PB, s/ data	94
Figura 68	Inauguração do refeitório - funcionárias, fotografia PB, década de 1950	96
Figura 69	Antigo espaço do refeitório da Laneira Brasileira	97
Figura 70	Lavanderia de lãs, fotografia cor, 1994	98
Figura 71	Antigo setor da lavanderia de lãs da Laneira Brasileira	99
Figura 72	Inauguração do refeitório, fotografia PB, década de 1950	100
Figura 73	Concurso de Frases e Cartazes – Premiação, fotografia cor, 1984	101
Figura 74	Verificação das bolsas de lã apreendidas, fotografia PB, s/ data	102
Figura 75	Final do torneio de Futebol de Salão - Premiação, fotografia cor, 1984	102

Lista de Abreviaturas

CDTec	Centro de Desenvolvimento Tecnológico
CECP	Centro Especializado em Cuidados Paliativos
COOFITEC	Cooperativa dos Profissionais da Indústria da Fiação e Tecelagem de Santana do Livramento Ltda.
DART	Departamento de Arte e Cultura
ICOM	Conselho Internacional de Museus
ICOMOS	Conselho Internacional de Monumentos e Sítios
IPHAE	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LBSA	Laneira Brasileira Sociedade Anônima
NDH	Núcleo de Documentação Histórica
ONU	Organização das Nações Unidas
PREC	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
SESI	Serviço Social da Indústria
TICCIH	The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Sumário

Introdução	13
Capítulo 1- Reflexões sobre Patrimônio	
1.1 Aspectos conceituais sobre Patrimônio	18
1.2 O Patrimônio Industrial	22
1.3 O Patrimônio Industrial pelo viés fotográfico	29
Capítulo 2- A constituição do Memorial Laneira Brasileira S. A. no âmbito da UFPEL	
2.1 A cidade de Pelotas, o Patrimônio e a Universidade Federal	43
2.2 A formação dos Museus-Memoriais através dos fragmentos patrimoniais	48
2.3 A Laneira Brasileira Sociedade Anônima – Indústria e Comércio	62
2.3.1 O trabalho fabril da Laneira Brasileira S. A.	67
Capítulo 3- O Acervo Fotográfico Laneira Brasileira S. A.	
3.1 O ingresso e a sistematização da Coleção Fotográfica LBSA na Fototeca Memória da UFPEL	77
3.1.1 Subcoleções fotográficas Laneira Brasileira S. A.	84
3.2 Fotografia: Suporte para a memória da Laneira Brasileira S. A.	95
Considerações Finais	105
Referências	109
Apêndice	117
Anexos	118

Introdução

O presente trabalho apresenta os resultados do desenvolvimento da pesquisa Fragmentos da Memória de uma Fábrica na Coleção Fotográfica Laneira Brasileira Sociedade Anônima.

A indústria Laneira Brasileira S. A. foi instalada na cidade de Pelotas por volta da década de cinquenta, do século XX, tendo por principal função a produção, o tratamento e a exportação de lã. Suas atividades perduraram por mais de cinquenta anos até o fechamento da mesma, no ano de 2003, devido à falência. Porém, pouco se sabe sobre a história deste local, sobre quem foram seus personagens e as principais causas de sua decadência.

Sete anos após a declaração de falência, a Universidade Federal de Pelotas adquiriu o imóvel da antiga indústria e tomou conta do prédio em fevereiro de 2010.

Neste momento, foi possível, através da administradora da massa falida, recuperar alguns materiais correspondentes aos anos de atividade da empresa que não foram considerados na liquidação dos bens da empresa. São, no seu conjunto, objetos ou parte de objetos e alguns documentos, que não apresentavam valor de venda. No entanto, poderão cumprir com o objetivo de apresentar parte do percurso vivido por esta fábrica.

Os materiais recolhidos foram levados para o NDH/UFPEL - Núcleo de Documentação Histórica, que visa guardar e arquivar documentos históricos sobre a universidade e movimentos sociais da região sul do Estado e para a

Fototeca Memória da Universidade Federal de Pelotas¹, cuja principal meta é a localização e recuperação de documentos através de pesquisas que possibilitam registrar visualmente a história das unidades que compõe a UFPEL. A Fototeca é composta pelas coleções: Marina de Moraes Pires, Escola de Belas Artes, Faculdade de Agronomia, Faculdade de Odontologia, Clínica Campos Langlois, Faculdade de Ciências Domésticas e Laneira Brasileira S. A. (incluída por doação em maio de 2010).

O acervo correspondente à Laneira, localizado na Fototeca, é composto por documentos a respeito da compra e venda de imóveis, contrato de trabalho, notificações e hipotecas, plantas arquitetônicas e de instalações elétricas e fotografias.

Ainda há outros artefatos materiais que permaneceram no ambiente da Laneira Brasileira S. A. correspondentes a peças de moldes, máquinas, quadros, ferramentas, mobílias, livros, placas de metal, mostruários de lã, tonéis, enfim, objetos que levam a refletir sobre o que um dia foi essa fábrica.

Ao analisarem-se os documentos, em especial as imagens fotográficas, remete-se a um passado que pode ser reimaginado e recontextualizado através do conteúdo que as imagens indicam sobre dado momento vivenciado pelos diversos grupos que interagiram nesta história.

A fotografia é tratada neste trabalho como um suporte de memória. Entende-se que o seu tratamento pode contribuir com a identificação de objetos, fatos e pessoas que constituíram o percurso desta fábrica. Conforme a metodologia empregada para o tratamento da fotografia, pode-se compor certa interpretação do conjunto, pela qual alguns indícios sobre a época registrada tornam-se observáveis. Com este trabalho, foi possível identificar espaços, pessoas, procedimentos e recursos que estavam presentes no período em que operou a Laneira Brasileira, bem como foi possível observar o trabalho voltado à produção e comercialização da lã.

¹Ambos, Núcleo e Fototeca funcionam vinculados ao Instituto de Ciências Humanas da UFPEL. O Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL (NDH/UFPEL) é um setor deste Instituto, em operação há 20 anos, cuja meta é recolher e tratar documentos relacionados à história institucional, história do trabalho e dos partidos políticos da região, tal como se informa no seu site <<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/>>. A Fototeca Memória da UFPEL é um projeto de extensão continuado, com início em março de 2009 e que recolhe e trata documentos fotográficos referentes à memória da Universidade. O acervo está organizado em coleções, tal como se informa no seu site <<http://www.ufpel.edu.br/ich/arquivofotografico/>>.

Assim, este trabalho objetivou discutir a abrangência da fotografia como suporte para o patrimônio industrial no caso do Memorial da Laneira Brasileira S. A., empregando metodologia de sistematização que pudesse dar conta da informação referente ao trabalho fabril remanescente no conjunto.

Dentre os objetivos específicos propostos, considera-se que este trabalho foi capaz de:

- Delinear alguns aspectos conceituais e identificar alguns dos elementos formadores do patrimônio industrial de Pelotas, do qual a Laneira é um exemplo no período entre 1950 e 2000.
- Observar como se dá a constituição dos museus/memoriais, em especial como se está dando a constituição do Memorial da Laneira Brasileira por meio de da localização e recolhimento de exemplares da cultural material gerada por esta fábrica.
- Aplicar a sistematização de fotografias como um princípio de constituição de coleções como suporte de memória, tratando os exemplares como fonte de informações sobre o trabalho fabril desenvolvido na extinta indústria.

Neste caso, defende-se que a sistematização não se trata de um procedimento técnico que gerencia etapas de trabalho, mas de um processo no qual as escolhas sobre os métodos de tratamento são decorrência da interpretação que se faz sobre os originais. Compreende-se que o método tanto é decorrência da interpretação como recurso de atribuição de significados para os exemplares. Assim, a metodologia utilizada para a realização do trabalho apoiou-se na revisão bibliográfica e na pesquisa documental a respeito dos elementos investigados, bem como na sistematização das fotografias. Nessa perspectiva, os procedimentos metodológicos para a concretização da pesquisa constituíram-se das seguintes ações:

- Revisão da bibliografia, especialmente a que trata dos temas fotografia e memória e sistematização de acervos fotográficos, museus e memoriais.
- Leitura e análise dos documentos para obtenção dos dados referentes ao percurso de funcionamento da fábrica.
- Organização do acervo fotográfico.
- Inventário do acervo fotográfico.
- Identificação das imagens fotográficas através de depoimentos dos ex-funcionários e filha de um dos ex-diretores da referida indústria.

- Catalogação dos exemplares do acervo fotográfico.

Este trabalho dividi-se em três capítulos: O primeiro - **Reflexões sobre Patrimônio** – busca, por meio de uma breve retrospectiva, apresentar as concepções que ampliaram, ao longo do tempo, o conhecimento sobre o patrimônio, principalmente a respeito dos conceitos que caracterizam o patrimônio industrial e a fotografia como fonte visual e documental para o conhecimento dos espaços e do trabalho desenvolvido nos diversificados contextos industriais. Para essa discussão foram utilizados autores como Ciavatta, Dubois, Funari, Kossoy, Kühl, Pelegrini, entre outros.

No segundo capítulo - **A constituição do Memorial Laneira Brasileira S. A. no âmbito da UFPEL** - apresentam-se os conceitos que envolvem a formação dos museus/memorais por meio de recolha e organização de objetos ou documentos. Abordou-se, neste capítulo, o caso da Laneira Brasileira, que inclui a localização, o recolhimento e o tratamento de objetos ou partes de objetos abandonados durante o processo de liquidação da massa falida. Sendo estes os elementos iniciadores da proposta do memorial desta fábrica, buscou-se apresentar como, de fragmentos abandonados, estes objetos passam a ser os artefatos remanescentes de um ambiente fabril extinto. Também serão apresentados aspectos que pertenceram à trajetória desta fábrica no município de Pelotas, bem como a sua inserção na Universidade Federal de Pelotas.

O terceiro capítulo - **O Acervo Fotográfico Laneira Brasileira S. A.** - abordará o ingresso do acervo fotográfico da extinta indústria na Fototeca Memória da UFPEL e os procedimentos realizados na sistematização dos exemplares voltados para a preservação dos mesmos. Discute-se, também, a relevância destas imagens como suporte de memória para o conhecimento e entendimento das atividades e das relações que se estabeleceram nesse ambiente fabril.

Os resultados obtidos na pesquisa com a organização das fotografias proporcionaram a elaboração do *Catálogo Fotográfico da Coleção Laneira Brasileira*

S. A.², e também a exposição *Memória de Fábrica: A Laneira Brasileira S. A.*³, que buscam encontrar o público deste memorial, não só acadêmico, mas as pessoas que conheceram este espaço como operários ou que estiveram ligados de alguma forma às atividades que aí se desenvolviam.

Este trabalho também propiciou a disponibilização das fotografias sistematizadas no site da Fototeca, contribuindo para o cumprimento de sua principal meta: a disponibilização a um público irrestrito das fotografias que participam da história institucional. Estes três produtos foram desenvolvidos no Laboratório Digital para reprodução e documentação de fontes e acervos do patrimônio cultural material e imaterial do Programa de Pós-Graduação no qual foi desenvolvida esta dissertação⁴.

²Este catálogo estará disponível para distribuição a instituições que possam disponibilizá-lo à consulta, principalmente em sites voltados para atender pesquisadores, a partir da data de defesa pública deste trabalho.

³A exposição foi montada no Armazém 1 do prédio da Laneira e ocorreu de 29 de março a 13 de abril do ano de 2012, como ação do projeto O Museu do Saber e do Fazer: Arte e ciência em ações educativas do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, projeto contemplado na área de Cultura do EDITAL PROEXT 2010 – Edital nº 5.

⁴Este laboratório foi apresentado e aprovado no edital Nº 025/2011 do programa Pró-Equipamentos Institucional CAPES, proposta através da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFPEL e implantado em dezembro de 2011.

Capítulo 1

Reflexões sobre Patrimônio

1.1 Aspectos conceituais sobre Patrimônio

Neste capítulo, será apresentado o conceito de patrimônio que norteia o presente trabalho a partir do pensamento de alguns autores atuais, os quais desenvolvem sua definição com vistas nos exemplos da contemporaneidade. Assim, de acordo com Arévalo (2004), o patrimônio é formado pelas expressões e pelos elementos culturais mais relevantes e significativos, remetendo aos símbolos e às representações dos lugares que emanam uma memória e atribuem identidade. Dessa forma, o patrimônio passa a ter um valor simbólico, constituindo a expressão identitária de um povo e seus modos de vida, diferenciando-o dos demais grupos.

O conceito de patrimônio também vai se redefinindo conforme a ideologia e a cultura de cada grupo social que seleciona, julga e considera as mais importantes formas de representação que possam expressar seus valores.

Em uma breve retrospectiva sobre a trajetória e as categorias do pensar sobre patrimônio, Funari e Pelegrini (2006, p. 10) comentam que esta é uma palavra de origem latina, *patrimonium*, concebida entre os romanos como tudo que pertencia ao pai ou pai de família, compreendendo-se tudo que estava ao seu domínio, como os bens móveis e imóveis, a mulher, os filhos, os escravos, os animais, tudo que poderia ser deixado por testamento, sem exceções.

O conceito de patrimônio, na época citada, era restringido à aristocracia, de direito privado, que contemplava a transmissão dos bens somente entre a elite patriarcal romana, contudo, na Idade Média (séculos VI – XV), devido ao predomínio da igreja e do cristianismo, o patrimônio passa a incluir os valores simbólicos e coletivos da religião, os quais fizeram com que as pessoas partilhassem de um

senso comum voltado para o culto e a valorização das formas materiais e espirituais cristãs.

Com o Renascimento, passa-se a ter outra perspectiva do patrimônio voltada aos valores humanos em contraposição ao domínio da religião, inspirando-se na Antiguidade grega e romana através da leitura e difusão de obras clássicas, do colecionamento e catalogação de objetos e vestígios antigos: vasos de cerâmica, estátuas de mármore e metal, moedas, entre outros, fundando o Antiquariado. Isso ocorreu por toda a Europa.

Alguns estudiosos enfatizam que o patrimônio moderno deriva, de uma maneira ou de outra, do Antiquariado que, aliás, nunca deixou de existir e continua até hoje, na forma de colecionadores de antiguidades. No entanto, a preocupação com o patrimônio rompe com as próprias bases aristocráticas e privadas do colecionismo, e resulta de uma transformação profunda nas sociedades modernas, com o surgimento dos Estados nacionais. (FUNARI; PELEGRINI, 2006, p. 13)

O Estado nacional surge a partir da ideia de que um grupo de cidadãos deveria partilhar de uma mesma língua, cultura, origem e território. Para que isso ocorresse, foram criadas políticas educacionais, as quais difundiam, até entre as crianças, o ideal de pertencimento a uma nação.

A Revolução Francesa, exemplo de criação do Estado nacional, em meio às lutas civis, estabeleceu uma comissão encarregada de preservar os monumentos nacionais com a finalidade de proteger os bens materiais da nação e da cultura francesa. Assim, foram implementadas as primeiras ações políticas voltadas para a salvaguarda, procedimentos técnicos de conservação e restauro para os monumentos característicos do poder, da grandeza e da memória de feitos passados de uma nação.

Entretanto, o patrimônio era compreendido como bem material concreto, a obra de arte como um exemplar dotado exclusivamente de beleza plástica de valores que deveriam ser compartilhados nacionalmente.

Há também que considerar que a obra ou o objeto elevado à condição de bem patrimonial era isolado do uso e disponível apenas para a contemplação. O mesmo entendimento se aplicava aos espaços urbanos portadores de uma arquitetura considerada artística, vistos como monumentos históricos que não poderiam ser utilizados, nem mesmo para a habitação. A cidade histórica destinava-se a uma função propedêutica, por ser testemunha das ações do homem no passado, e assim buscava-se “preservar os conjuntos urbanos antigos como se conservam os objetos de museus”. (LOSEKANN, 2009, p. 2)

Já no século XX, com a aceleração da urbanização, os bens patrimoniais passam a ser considerados sob uma nova perspectiva, em torno do entendimento de cultura e história, o que possibilitou a compreensão das dinâmicas sociais de maneira não homogênea, apresentando tempos e modos de viver diferenciados; bem como a valorização dos ritos, das linguagens, das crenças, dos comportamentos coletivos, observados como relevantes referências culturais dos grupos humanos.

Com isso, diversos eventos foram promovidos no século XX, no intuito de proteger os bens históricos e culturais em nível internacional: “A internacionalização da preocupação com os bens patrimoniais e o reconhecimento de que a salvaguarda destes era um assunto que extrapolava as fronteiras nacionais acarretou a criação da Comissão Internacional de Cooperação Intelectual, dentro da Sociedade das Nações (LOSEKANN, 2009, p. 3)”.

A Comissão tinha como propósito potencializar as relações culturais entre os países, para isso foi organizada a Conferência Internacional de Atenas, em 1931, resultando na criação da Carta de Atenas, primeiro documento internacional voltado para a proteção dos bens históricos e artísticos.

Segundo Funari e Pelegrini (2006, p. 21), mesmo com a Conferência Internacional de Atenas para a salvaguarda do patrimônio, foram desenvolvidas abordagens mais amplas de cultura somente no novo contexto pós Segunda Guerra Mundial.

Entre os anos de 1945 e 1946, foram criadas a ONU (Organização das Nações Unidas), a qual estabeleceu os direitos e os deveres da humanidade, e a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), que emitiu a Declaração Universal dos Direitos Humanos, estabelecendo o direito à educação e à cultura. Além de formular diretrizes, critérios e prioridades para a preservação e a proteção do patrimônio em âmbito internacional.

No final da década de 1950, a legislação para a proteção do patrimônio inclui o meio ambiente, os grupos sociais e locais, pois se passa a compreender as diversidades culturais, ambientais e comunitárias. Em 1972 a UNESCO realizou a primeira convenção referente ao patrimônio mundial, cultural e natural, considerando que os sítios declarados como patrimônio: monumentos, sítios históricos e naturais, formações geológicas, construções, entre outros, pertenciam a todos os povos do mundo.

Desde então, foram se estabelecendo novas convenções, diretrizes, legislações para a ampliação do campo patrimonial e de suas concepções frente à valorização dos diferentes grupos e contextos.

Atualmente, a Convenção do Patrimônio Mundial conta com a participação de cento e oitenta e oito países e uma lista de cerca de novecentas e trinta e seis propriedades, consideradas pelo Comitê do Patrimônio Mundial como patrimônios de valor excepcional em caráter universal⁵.

O Brasil também é um dos países que aderiram a Convenção do Patrimônio Mundial, tendo como principal órgão federal de proteção ao patrimônio o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que se dedica a fiscalizar, proteger, identificar, restaurar, preservar e revitalizar monumentos, sítios e bens móveis do país, por meio do planejamento de programas e projetos que envolvem a sociedade e a instituição e de busca por financiamento e parcerias para auxiliar na concretização das ações elaboradas.

Neste momento, e de modo mais abrangente, compreende-se que o patrimônio é formado pelo:

- Patrimônio Natural: reservas da biosfera, reservas naturais, parques nacionais e monumentos naturais;
- Patrimônio Cultural Material: monumentos, sítios arqueológicos, sítios históricos, conjuntos arquitetônicos, zonas típicas, paisagens, documentos, objetos, obras de arte, artefatos históricos, fotografias etc.;
- Patrimônio Cultural Imaterial: linguagem, formas de vida, tradições, mitos, costumes, rituais, músicas, dança, tradição oral...

Ainda se destacam, em nossa época, as questões em torno da proteção e da preservação dos bens patrimoniais em meio digital.

Se considera agora o valor simbólico, é dizer a capacidade de representatividade, dos distintos referentes e elementos patrimoniais, o *patrimônio como expressão da identidade*, e esta como suposição da tradição e continuidade das próprias gerações, a herança cultural. De maneira que o patrimônio remete a uma realidade *icônica* (expressão material), *simbólica* (além da coisificação e objetividade) e *coletiva* (expressão não particular, mas da experiência grupal); porque o patrimônio cultural de uma sociedade está constituído pelo conjunto de bens materiais, sociais e ideais (tangíveis e intangíveis) que se transmitem de uma geração a outra e

⁵Informação disponível em: <<http://www.unesco.org/>> Acesso em: 5 ago 2011.

identificam os indivíduos em relação de contraste com outras realidades sociais. (ARÉVALO, 2004, p. 929 – 930, tradução nossa)⁶

Percebe-se que o conceito de patrimônio passou por várias modificações ao longo da história da humanidade e que continua a ser refletido e reestruturado como forma de reconhecer a diversidade cultural, caracterizando pensamentos, expressões e rituais constituídos nos diferentes núcleos de convívio social como os ambientes industriais.

1.2 O Patrimônio Industrial

As amplas concepções e a introdução de novos elementos formadores do patrimônio, conforme citadas anteriormente, possibilitaram a inclusão dos espaços de interação e de trabalho para o desenvolvimento econômico e social ao longo da história da humanidade, as indústrias.

A ampliação do conceito de patrimônio tem despertado interesse e reconhecimento pelas tipologias urbanas e arquitetônicas não consagradas tais como os conjuntos industriais e as vilas operárias das primeiras décadas do século XX. Reconhecer o valor patrimonial destes conjuntos e instalações fabris corresponde a uma ideia cada vez mais ampla do que se define como patrimônio cultural, histórico e artístico. A ampliação deste conceito em termos temáticos, cronológicos e geográficos tem incidido nos marcos legais em nível internacional, nacional e local, através das respostas das comunidades e, sobretudo nos mecanismos de gestão e diretrizes de intervenção. (BRAGHIROLI, on-line, p. 1)

A preocupação e as discussões a respeito da preservação da herança industrial começam em meados da década de 1950, na Inglaterra, período em que foi empregada a expressão *arqueologia industrial*, ganhando maior ênfase a partir da década de 1960, devido à destruição de prédios significativos em Londres, no início dos anos de 1960, a Bolsa de Carvão e a Estação Euston (Figuras 1 e 2) e do

⁶Texto original da citação: “Se considera ahora el valor simbólico, es decir la capacidad de representatividad, de los distintos referentes y elementos patrimoniales, el *patrimonio como expresión de la identidad*, y ésta como asunción de la tradición y una continuidad generacional particular, la herencia cultural. De manera que el patrimonio remite a una realidad *icónica* (expresión material), *simbólica* (más Allá de la cosificación y la objetualidad) y *colectiva* (expresión no particular, sino de la experiencia grupal); porque el patrimonio cultural de una sociedad está constituido por el conjunto de bienes materiales, sociales e ideacionales (tangibles e intangibles) que se transmiten de una generación a otra e identifican a los individuos em relación contrastiva com otras realidades sociales.” (ARÉVALO, 2004, p. 929 – 930)

Mercado Central, em Paris, nos anos de 1970 (Figura 3), embora já houvesse certa preocupação no século XIX⁷.



Figura 1- Bolsa de Carvão antes da demolição, Londres, 1962.

Fonte: <<http://www.buildingconservation.com/articles/savingacentury/savingacentury.htm>>

Acesso em: 12 jan 2012.

⁷KÜHL, Beatriz Mugayar. Patrimônio industrial: algumas questões em aberto. **Revista Eletrônica de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu**, n. 3, 2010. Disponível em: <http://www.usjt.br/arq.urb/numero_03/3arqurb3-beatriz.pdf> Acesso em: 12 ago 2011.



Figura 2- Pórtico da Estação Euston antes da demolição, Londres, 1960.

Fonte: <<http://www.telegraph.co.uk/news/uknews/6223471/Euston-Arch-to-be-rebuilt-as-nightclub.html>> Acesso em: 12 jan 2012.



Figura 3- Mercado Central, Paris, 1944 – 1945.

Fonte: <<http://saintsulpice.unblog.fr/tag/photographie-sulpicienne/paris-dantan/page/10/>> Acesso em: 12 jan 2012.

No Brasil, Braghirolli (on-line, p. 1) arquiteto do IPHAE (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado), comenta que a inserção dos complexos industriais corresponde: “ao período anterior a Primeira Guerra Mundial, quando inovações tecnológicas, tipológicas e de programa definiram irreversivelmente o panorama da arquitetura do século XX e a morfologia de nossas cidades. Este rico e complexo momento cultural foi caracterizado pelo salto tecnológico, pela difusão de uma arquitetura edificada com materiais *modernos* como o vidro, o ferro e o concreto armado, *la Belle Epoque* e o surgimento das vanguardas modernas. As austeras instalações fabris não eram consideradas obras de arquitetura, entretanto foram o laboratório de ensaio das novas tecnologias construtivas e, deste ponto de vista, gênese do movimento moderno”.

Em nosso país, o debate sobre a proteção do patrimônio industrial também ocorreu por volta da década de 1960 e, em 1964, foi realizado o primeiro tombamento pelo IPHAN dos remanescentes da Real Fábrica de Ferro São João de Ipanema, em Iperó, São Paulo⁸. (Figura 4)

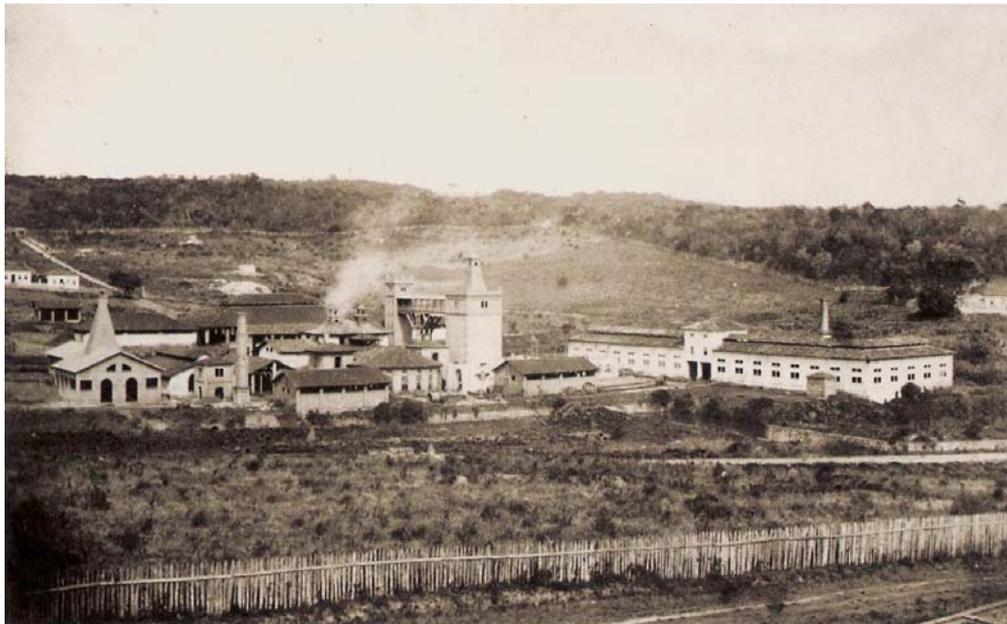


Figura 4- Fundação Real Fábrica de Ferro São João de Ipanema, Iperó – SP, 1884.

Fonte: <<http://gazetaimperial.blogspot.com/2010/05/real-fabrica-de-ferro-sao-joao-do.html>> Acesso em: 13 jan 2012.

⁸Conhecida também como Fundação Ipanema, a fábrica foi fundada em 1810 e considerada berço da siderurgia nacional. Atualmente é um dos principais pontos turísticos de Iperó.

Embora o ano de 1964 tenha sido marcado pelo pioneirismo do tombamento da indústria citada acima, os estudos no campo teórico aconteceram de forma tardia, por volta de 1976, com o trabalho *A fábrica São Luiz de Itu: um estudo de arqueologia industrial*, do historiador Warren Dean⁹.

Ao longo deste período, outros documentos foram elaborados em prol da preservação dos conjuntos industriais; o mais recente foi a carta redigida em Nizhny Tagil, Rússia, em julho de 2003, pelo TICCIH – The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (Comissão Internacional para Conservação do Patrimônio Industrial)¹⁰, na qual se destaca que as grandes transformações que marcaram profundamente a evolução do homem e os meios de produção decorreram principalmente da Revolução Industrial, transformações que continuam a acontecer na atualidade frente às novas tecnologias. Assim, os vestígios materiais representativos do progresso humano devem ser reconhecidos como fonte para o conhecimento e compreensão da cultura material de um grupo.

No seguinte trecho da carta é afirmado:

[...] que os edifícios e as estruturas construídas para as atividades industriais, os processos e os utensílios utilizados, as localidades e as paisagens nas quais se localizavam, assim como todas as outras manifestações, tangíveis e intangíveis, são de uma importância fundamental. Todos eles devem ser estudados, a sua história deve ser ensinada, a sua finalidade e o seu significado devem ser explorados e clarificados a fim de serem dados a conhecer ao grande público. Para além disso, os exemplos mais significativos e característicos devem ser inventariados, protegidos e conservados, de acordo com o Espírito da carta de Veneza, para uso e benefício do presente e do futuro¹¹. (CARTA DE NIZHNY TAGIL, 2003, p. 2)

Resultando de forma mais abrangente, a definição de patrimônio industrial entende que:

O *patrimônio industrial* compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e

⁹EVANGELISTA, Rafael. De arqueologia a patrimônio. **Revista Eletrônica do IPHAN**. Disponível em: <<http://www.labor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=171>> Acesso em: 15 ago 2011.

¹⁰Organização mundial e consultor do ICOMOS para a categoria de patrimônio industrial.

¹¹Junto à carta do Patrimônio Industrial foram incluídas outras relevantes cartas patrimoniais como a de Veneza, de 1964, que trata a respeito da conservação e da restauração de monumentos e sítios. Informação disponível em: <<http://www.mnactec.cat/ticcih/pdf/NTaGilPortuguese.pdf>> Acesso em: 16 jan 2012.

todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou educação. (CARTA DE NIZHNY TAGIL, 2003, p. 3)

Do mesmo modo, a concepção de arqueologia industrial, tema que suscitou muitas discussões desde os anos de 1950, devido à sua aplicação e métodos que não implicavam necessariamente em escavações, definiu-se como:

[...] método interdisciplinar que estuda todos os vestígios, materiais e imateriais, os documentos, os artefatos, a estratigrafia e as estruturas, as implantações humanas e as paisagens naturais e urbanas, criadas para ou por processos industriais. A arqueologia industrial utiliza os métodos de investigação mais adequados para aumentar a compreensão do passado e do presente industrial. (CARTA DE NIZHNY TAGIL, 2003, p. 3)

A carta leva a pensar o quanto é complexa e extremamente necessária à preservação dos elementos formadores dos ambientes fabris, apontando para a importância de pesquisas interdisciplinares nessa área, que conseqüentemente contribuem para o esclarecimento dos fatores culturais, econômicos e tecnológicos herdados no presente.

Além disso, Ferreira (2009, p. 22) acrescenta: “A noção de patrimônio industrial nos remete à ideia de uma inversão de funções e sentidos: o que antes era lugar de trabalho se transforma em um lugar de memória. A patrimonialização desses espaços confere aos mesmos outros sentidos, deslocando-os daqueles que estão em sua origem”.

Diferentes de sua primeira designação, na qual se encontravam em pleno funcionamento, hoje antigas indústrias são ocupadas para outros fins ou foram abandonadas por diversos motivos, o que caracteriza esses ambientes como lugares de memórias devido aos vestígios que permanecem contra a ação do tempo. Para Nora (1993, p. 12-13): “os lugares da memória são antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora”.

O progresso e o modo de vida aparentemente acelerada fazem perceber que muitos locais significativos de uma comunidade acabam no esquecimento ou desaparecem. Os restos a que se refere Nora são os fragmentos que, nem sempre tão distantes de um espaço e tempo, estão impregnados de um valor simbólico e de uma consciência de memória. Memória essa que liga o presente ao passado numa

constante atualização das representações vivenciadas pelos indivíduos e que possibilitam a renovação dos pensamentos e das ações.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. (NORA, 1993, p. 9)

É através da memória que podem aflorar novos significados para momentos que ocorreram há muito tempo e que foram esquecidos, mas que se tornam presentes ao serem lembrados. Como exemplo de lugares de memória, as fábricas estão carregadas de simbologia e sentimentos das mais variadas experiências realizadas pelos grupos sociais, marcando sua passagem no território em que foram constituídas.

Com isso, os resíduos de uma fábrica inoperável, quando observados, remetem a uma época que não existe mais, mas que pode ser reavivada através da imaginação, tentando-se dar sentido aos elementos que compuseram este local e às atividades que o caracterizaram.

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. (NORA, 1993, p. 7)

Salienta-se que, além do próprio ambiente e dos objetos que estruturaram antigas fábricas, dessas também fazem parte as instalações construídas em seu entorno, como as vilas operárias, para um melhor aproveitamento da mão-de-obra e expansão fabril, o que possibilita a investigação do saber-fazer técnicos, das relações entre o homem e a máquina e dos ideais de representação social.

Assim, com a passagem do tempo e dos acontecimentos históricos, os processos do trabalho industrial e os ideais que antes eram comuns a um grupo social vão sendo redefinidos por um outro olhar.

Nesse sentido, os lugares de memória, no caso os complexos fabris, são aptos às transformações, não se fechando para sua identidade e sim redimensionam constantemente seus significados.

Um aspecto pouco considerado do patrimônio industrial é que ele é um campo de investigação vivo, e não passadista ou morto. Isso porque não se limita apenas a um conjunto de bens arquitetônicos ou sítios cheios de objetos e partes de objetos interessantes. Uma vez que se detém sobre máquinas, equipamentos, instalações e imóveis onde se processou a produção industrial, o patrimônio industrial é também a recolha e o tratamento de um patrimônio técnico de uma sociedade e de uma comunidade, e esse processo está sempre em transformação. (SILVA, 2006, p. 1)

Testemunhos de histórias e suportes para a memória, os fragmentos suscitam fatos adormecidos, trazendo à tona lembranças partilhadas das experiências individuais e coletivas vivenciadas nos diferentes ciclos industriais, passíveis a reinterpretções.

Segundo Ferreira (2009, p. 24), se considerarmos o patrimônio como vestígios, estaremos cumprindo apenas a metade do caminho; é imprescindível seguirmos a via da imaginação, pois sem essa não há patrimônio.

Nessa perspectiva, a fotografia é um exemplar significativo de testemunho cultural, aberta à imaginação e interpretações que podem contribuir para o reconhecimento e para a valorização do trabalho e da memória que envolvem os patrimônios industriais.

1.3 O Patrimônio Industrial pelo viés fotográfico

A Revolução Industrial proporcionou verdadeiras mudanças, tanto científicas quanto sociais, econômicas e culturais, trazendo para o cotidiano novos instrumentos e invenções que viriam a influenciar os modos de agir e pensar da população, dentre essas invenções surgiu a fotografia.

Com a Revolução Industrial verifica-se um enorme desenvolvimento das ciências: surge naquele processo de transformação econômica, social e cultural uma série de invenções que viriam influir decisivamente nos rumos da história moderna. A fotografia, uma das invenções que ocorre naquele contexto, teria papel fundamental enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos da ciência e também como forma de expressão artística. (KOSSOY, 2001, p. 25)

A fotografia concretizou-se como resultado de várias experiências voltadas para a fixação da imagem sobre um suporte, entendendo-se que a mesma não teve um único inventor.

Entre as primeiras descobertas importantes para o rumo da fotografia, destaca-se a Câmara Escura¹² utilizada no estudo da perspectiva em desenhos e pinturas através da projeção de paisagens ou objetos no interior da câmara, usufruída principalmente no período Renascentista; porém, se fazia necessária não somente a projeção, mas também a fixação das mesmas.

Foram muitos os experimentos na tentativa de gravar a imagem obtida dentro da câmara escura, o que veio a ocorrer na França, em 1839, com a Daguerreotípia, técnica que consistia em ter como suporte uma chapa de cobre coberta com uma camada de prata polida colocada dentro da câmara escura para exposição à luz; posteriormente, era submetida a vapores de mercúrio, fixada, lavada e seca, desenvolvida por Louis Jacques Mandé Daguerre.

Contudo, o anúncio da invenção do daguerreótipo foi reclamado por outros inventores que queriam o mérito da criação fotográfica para si, como o inglês William Henry Fox Talbot, que, em 1835, havia registrado sobre papel a silhueta de alguns objetos por meio da luz; porém seus resultados não eram satisfatórios como os daguerreótipos.

A grande contribuição de Talbot para o desenvolvimento da fotografia deu-se pela descoberta do primeiro processo negativo-positivo, possibilitando a obtenção de cópias a partir de um negativo, patenteado como Calotípia, em 1841.

No Brasil, antes mesmo do daguerreótipo e do calótipo, pode-se atribuir a descoberta da fotografia ao desenhista e tipógrafo francês Hercules Florence, que viveu no país entre os anos de 1824 e 1879. Florence passou a investigar métodos para a fixação da imagem por meio da câmara escura, em 1832. No ano seguinte, com a ajuda do boticário Joaquim Corrêa de Mello, realizou inúmeras experiências fotoquímicas, originando imagens, as quais foram denominadas pelo termo *fotografia*.

A partir do período da Revolução Industrial, com o advento fotográfico, o consumo da imagem e dos aparatos técnicos cresceu gradativamente e a fotografia

¹²A câmara escura consiste num espaço interior, um compartimento fechado, como, por exemplo, uma caixa, na qual a luz procede de um objeto iluminado e que, através de uma pequena abertura, penetra o interior de uma câmara escura, reproduzindo, em sua parede oposta à abertura, uma imagem invertida deste mesmo objeto.

passou a ser percebida como fonte de informações e de representação do homem, transformando-se também numa grande fonte de lucro e capital.

A nova invenção veio para ficar. Seu consumo crescente e ininterrupto ensejou o gradativo aperfeiçoamento da técnica fotográfica. Essencialmente artesanal, a princípio, esta se viu mais e mais sofisticada à medida que aquele consumo, que ocorria particularmente nos grandes centros europeus e nos Estados Unidos, justificou inversões significativas de capital em pesquisas e na produção de equipamentos e materiais fotossensíveis. A enorme aceitação que a fotografia teve, notadamente a partir da década de 1860, propiciou o surgimento de verdadeiros impérios industriais e comerciais. (KOSSOY, 2001, p. 25-26)

Outro fato relevante para o contexto histórico-fotográfico e que evidencia o aparecimento dos verdadeiros impérios industriais, de acordo com a citação acima, foi a fabricação do negativo de filme em rolo e a criação da máquina fotográfica Brownie em 1888, pelo norte-americano George Eastman. Fato que deu origem à marca Eastman Kodak, atualmente só Kodak, a qual popularizou o uso da fotografia na sociedade, por facilitar a operação da máquina e vendê-la a um baixo custo.

Observa-se que, com o uso da fotografia, o homem aventurou-se na “descoberta” de lugares remotos, registrando costumes, povos, rituais, cotidiano, famílias, entre outros aspectos que considerava relevante na sua busca pelo conhecimento. A prática da técnica fotográfica difundiu-se, o número de fotógrafos cresceu e, conseqüentemente, a produção de materiais e de equipamentos utilizados para capturar imagens.

Antes, o que era restrito a uma minoria, pelas dificuldades do manuseio dos materiais fotográficos e o alto custo para ter-se uma imagem, aos poucos, vai sendo aprimorado, através de novos recursos e tecnologias aperfeiçoadas ao longo do tempo, propiciando um maior crescimento e popularização do uso da técnica fotográfica. Evolução muito mais perceptível atualmente pelos inúmeros dispositivos que o mercado oferece às pessoas.

Inicialmente, o registro fotográfico assustou a sociedade, por sua capacidade de capturar a realidade com perfeição de detalhes; até então, uma exatidão que somente a pintura poderia transmitir, através do olhar e da experiência do artista.

Capacidade que, desde seu surgimento, a linguagem fotográfica trouxe à tona, com discussões quanto à veracidade dos fatos registrados e apresentados como documento de uma realidade.

Ressaltam-se diferentes visões sobre essa linguagem ao longo de seu percurso. Primeiramente, no século XIX, a fotografia caracterizou-se como um olhar ingênuo e objetivo, sem levar-se em consideração a intervenção do fotógrafo e a intermediação da máquina. Essa considerada como um instrumento neutro de captura do mundo visível.

[...] de acordo com os discursos da época, essa capacidade mimética procede de sua própria natureza técnica, de seu procedimento mecânico, que permite fazer aparecer uma imagem de maneira “automática”, “objetiva”, quase “natural” (segundo tão somente as leis da ótica e da química), sem que a *mão* do artista intervenha diretamente. (DUBOIS, 1994, p. 27)

No século XX, a ideia da fotografia como espelho do real foi contestada, pois a imagem não é simplesmente a semelhança do visível, mas um instrumento de desconstrução, interpretação e até de transformação do real. Devido a sua gênese automática, a criação em fotografia traz implícito seu verdadeiro sentido, pois esta passa por uma elaboração de acordo com o contexto e a ideologia da época.

Essa gênese automática provocou uma reviravolta radical na psicologia da imagem. A objetividade da fotografia confere-lhe um poder de credibilidade ausente de qualquer obra pictural. Quaisquer que sejam as objeções de nosso espírito crítico, somos obrigados a acreditar na *existência* do objeto representado, ou seja, tornado presente no tempo e no espaço. A fotografia beneficia-se de uma transparência de realidade da coisa para sua reprodução. (DUBOIS, 1994, p. 38)

A partir de então, a imagem fotográfica passou a ser vista como um traço do real: a relação do índice e da referência. O índice é uma marca da realidade, indica que o objeto estava no lugar, tornando-se uma representação por contiguidade física do signo com seu referente.

Duplo, registro, reflexo e emanção do mundo físico, o paradigma fotográfico funciona como metonímia, numa evidente relação por contiguidade, biunívoca entre o real e sua imagem. Seu ideal de conexão indica o modelo físico, a ligação física que a gerou. É uma imagem-documento, fruto da aderência seguida do afastamento de um agente em luta ante a visibilidade do real. Nela, um fragmento do real é capturado pela máquina por meio de um sujeito. Sombra, resto, corte, nesse tipo de imagem o índice reina soberano. (SANTAELLA, 2005, p. 305-306)

Atualmente, estar-se-ia vivenciando um paradigma pós-fotográfico, no qual a imagem é gerada por processos matemáticos:

Virtualidade, simulação, funcionalidade e eficácia, o paradigma pós-fotográfico funciona sob o signo das metamorfoses, porta de entrada para um mundo virtual. Seu ideal de autonomia indica o modelo simbólico do qual partiu. É uma imagem funcional, experimental, eficaz, ascética, dentro da qual circula apenas um real refinado, purificado, filtrado pelo cálculo, inteligível através de mediações abstratas. (SANTAELLA, 2005, p. 306)

Apesar dos debates que a imagem fotográfica traz, é inegável dizer que sua utilização aumentou cada vez mais, desde seu processo artesanal até os dias atuais, com as imagens digitais. Fato que faz da fotografia um importante recurso de representação visual da sociedade.

Longe de ser um recurso neutro, o registro fotográfico parte de uma construção elaborada e intencional, a partir das concepções, dos ideais, valores e interesses de quem a utiliza para a representação de um determinado assunto ou de si mesmo, resultando numa reprodução passível a leituras e diferentes interpretações.

Nem por isso a fotografia deixa de provocar fascínio, ou de ser usada por sua capacidade de apresentar resquícios da realidade de um certo tempo e espaço. Qualidades que, segundo Aumont (1993, p. 82), ocorrem pelos atributos das propriedades do sistema visual ao reconhecermos e identificarmos algo em uma imagem que se pode ver no real.

Em todos os seus modos de relação com o real e suas funções, a imagem procede, no conjunto, da esfera do simbólico (domínio das produções socializadas, utilizáveis em virtude das convenções que regem as relações interindividuais). [...] a imagem tem por função primeira garantir, reforçar, reafirmar e explicitar nossa relação com o mundo visual: ela desempenha papel de *descoberta do visual*. (AUMONT, 1993, p. 81)

Essa relação entre o olhar, a realidade e a imagem faz da fotografia um importante instrumento de investigação para “descobertas” e compreensão dos rituais compartilhados em grupos e a crença dos mesmos na funcionalidade ideológica e simbólica dos registros visuais.

Ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar. Constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver. Por fim, o resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça - como uma antologia de imagens. (SONTAG, 2004, p. 13)

Assim, o documento fotográfico viabiliza, por meio de seu recorte temporal, a observação de momentos que indicam ou assinalam trajetórias de vidas, de locais, de objetos; enfim, instantes significativos, como os trabalhos desenvolvidos nos diversos contextos industriais que compõem o patrimônio de muitas cidades da atualidade.

Como exemplo, as fotografias expostas a seguir são material fonte para o desenvolvimento dessa pesquisa a respeito da extinta fábrica de lã Laneira Brasileira S. A., relevante patrimônio industrial de Pelotas a ser apresentado nos capítulos seguintes.

Analisa-se então, na imagem da Figura 5, uma das atividades de rotina na fábrica voltada para a classificação da lã bruta. Nota-se, pelo instante capturado, que esse processo era realizado por mulheres, as quais estão com a cabeça baixa e o olhar centrado na efetivação de um trabalho sistematizado e maçante, característico dos núcleos industriais.

Na imagem seguinte (Figura 6), observam-se pelo enquadramento do registro, detalhes de parte de uma antiga caldeira sendo abastecida aparentemente com pedaços de madeira por operários.



Figura 5- Setor de classificação de lã, fotografia PB, s/ data.

Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

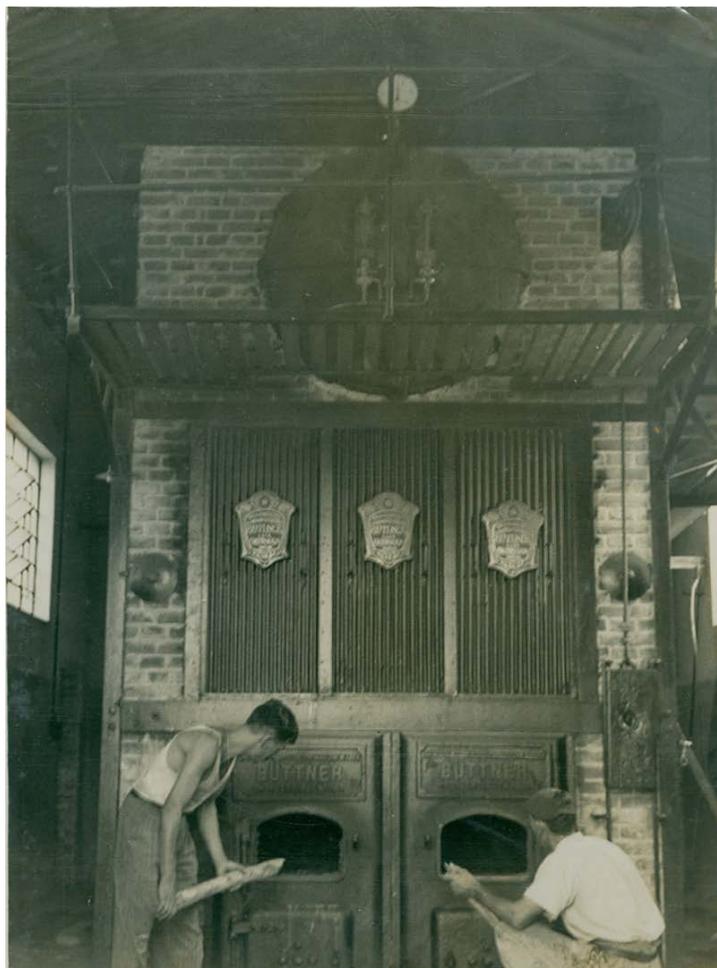


Figura 6- Caldeira Primitiva, fotografia PB, s/ data.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Em ambos os registros, o foco central evidencia as ações exercidas em diferentes etapas e setores da fábrica, traduzindo a essencialidade de uma organização comum no contexto fabril, em que um procedimento dependia do outro para a obtenção do produto final. Além disso, na primeira imagem, a execução do trabalho parece ser delicada e tênue, devido à atenção dada pelo grupo e pela expressão facial da jovem operária no centro da imagem. Enquanto que na segunda, a ação aparenta ser mais bruta, pelo tipo de trabalho e esforço físico. Detalhes apreendidos desses fragmentos de tempo que permitem significados, como observa Kossoy:

O fragmento da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da paisagem e, portanto, a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza. A cena

registrada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível. A vida, no entanto, continua e a fotografia segue preservando aquele fragmento congelado da realidade. Os personagens retratados envelhecem e morrem, os cenários se modificam, se transfiguram e também desaparecem. (KOSSOY, 2001, p. 155-156)

Desaparecidos ou reconfigurados na paisagem, o que fica dos referentes do real em questão, os ambientes de trabalho fabril, são seus resíduos, pistas que podem ser encontradas na aparência dos artefatos fotográficos, os quais perpetuam e interligam as memórias de um passado reavivado no presente.

Memórias de um mundo do trabalho, da constituição do ser enquanto sujeito ativo de sua história e de sua comunidade refletidas em recortes do tempo-espço que ocultam verdades frente ao progresso social através da exploração da mão-de-obra e das condições precárias destes ambientes em meio ao maquinário pesado.

O recorte das Figuras 7 e 8 enfatizam outros dois processos realizados no beneficiamento da lã, porém a atenção não se volta somente para os procedimentos em si, mas também para os trabalhadores que operam o maquinário.

Na tomada da Figura 7 encontram-se dois funcionários, quase imperceptíveis no registro, um deles está na parte inferior da imagem e o outro no lado direito. Já na Figura 8, apenas um dos operários aparece claramente em frente à máquina no centro da foto.



Figura 7- Setor de lavagem de lã, fotografia PB, s/ data.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL



Figura 8- Máquina de cardagem de lã, fotografia PB, s/ data.
 Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Ambas as imagens fornecem elementos visuais que podem conduzir para uma leitura das condições de trabalho enfrentadas na Laneira, pois se repara nas fotografias, a possível falta de segurança e de equipamentos de proteção durante a execução das atividades.

Segundo Lukács (apud CIAVATTA, 2002, p. 78), deve-se entender o conceito de mundo de trabalho pela inclusão, tanto das atividades materiais e produtivas, quanto dos processos de criação cultural, geradas no meio de reprodução da vida.

O trabalho tem um papel fundamental nesse processo, como relação criadora do homem com a natureza, como atividade de autodesenvolvimento físico, material e espiritual, como manifestação de vida e como realização do reino da liberdade. Mas o trabalho apresenta-se, também, nas suas formas históricas de sujeição, de servidão ou de escravidão, ou como o trabalho moderno, assalariado, flexibilizado ou desregulamentado, formas específicas da produção da existência no capitalismo. (LUKÁCS apud CIAVATTA, 2002, p. 78)

Quando se olha uma imagem fotográfica, remete-se de imediato para sua condição iconográfica, que permite visualizar apenas um pequeno fragmento de uma história. E, no entanto, a fotografia é mais do que aparenta ser. A análise e a interpretação desse objeto possibilita que se vença o nível básico de sua aparência.

Mas a análise depende de outros elementos, oriundos, sobretudo, do conhecimento sobre o contexto histórico em que aconteceu a captura da imagem e dos aspectos culturais que subjazem no cenário: costumes, ideologia, valores e vivências.

Kossoy então nos fala que a fotografia é: “indiciária, na medida em que propicia a descoberta de ‘pistas de eventos não diretamente experimentáveis pelo observador’. Trata-se dos indícios existentes na imagem (iconográficos) e que, acrescidos de informações de natureza histórica, geográfica, geológica, antropológica, técnica, a carregam de sentido”. (2007, p. 41)

Por isso, verificar quais foram as motivações para a ocorrência do registro pode ajudar a uma aproximação aos ideais da época. Desta forma, a realidade interior da foto pode tornar-se explícita, prestando-se para a reconstituição dos hábitos sociais.

Suporte de memórias, os registros fotográficos apontam para os percursos de desenvolvimento, ascensão e declínio de indústrias, os rituais, as lutas e conquistas da classe operária, assim como as evoluções da forma de pensar e representar o homem moderno perante a sociedade na qual se encontra.

A cena apresentada (Figura 9) retrata parte da fachada da Laneira Brasileira Sociedade Anônima, provavelmente registrada na década de 1950, após a sua construção com características arquitetônicas modernas para a época. Ainda observam-se quatro senhores posando para o retrato em uma das entradas da fábrica.

Num primeiro olhar, a imagem aparenta ter fixado um sentimento de orgulho, de conquista para esses homens e de novas oportunidades para o desenvolvimento econômico e social de Pelotas.

Do mesmo modo, as Figuras 10 e 11 parecem ter registrado instantes que mostram a relevância do trabalho realizado para o bom funcionamento da indústria e dos funcionários, os quais viam nesta a oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

Nessas três fotografias, também se notam as vestimentas, as quais podem designar a posição desses sujeitos nos diversos setores do trabalho fabril.



Figura 9- Vista parcial da fachada da Laneira Brasileira S. A., fotografia PB, s/ data.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL



Figura 10- Escritório, fotografia PB, s/ data.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL



Figura 11- Manutenção da Caldeira, fotografia PB, s/ data.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Instantes que outrora capturados e fixados pelos saís de prata, agora são registrados por dispositivos digitais, mostrando que os ambientes industriais e a sociedade vivem em constante transformação, como nos seguintes registros (Figuras 12 e 13), referentes as condições atuais na qual se encontra a Laneira Brasileira S. A.



Figura 12- Extinta indústria Laneira Brasileira S. A.
Fonte: Autora, 2011.



Figura 13- Antigo pavilhão utilizado para depósito de produtos acabados.
Fonte: Autora, 2010.

O que ressalta ao olhar, e diferencia estas imagens das apresentadas anteriormente, é a iconografia, que leva a uma leitura e interpretação do declínio desse complexo fabril, visualizado pela inatividade do local, o silêncio e os restos dos equipamentos e objetos de trabalho.

A imagem carrega em si referências a serem decodificadas das transformações dos tempos, espaços e indivíduos, assim como ela também é uma linguagem em evolução, acompanhando os momentos de transição pessoal e social, tornando-se fonte de narração dos mesmos.

Portanto, a fotografia é um documento visual para a reconstrução de histórias individuais e coletivas constituídas nos espaços industriais e ao seu redor, preservando, em sua materialidade, instantes de um passado, nem sempre tão distante, a ser revelado e reinterpretado com o olhar do presente. Além de fazer-se relevante a inserção dos artefatos fotográficos em espaços que se destinam à preservação da memória do patrimônio industrial.

Capítulo 2

A constituição do Memorial Laneira Brasileira S. A. no âmbito da UFPEL

2.1 A cidade de Pelotas, o Patrimônio e a Universidade Federal

Sobre a cidade de Pelotas, as afirmativas oriundas de fontes menos acadêmicas afirmam ser esta uma cidade com um dos maiores acervos arquitetônicos em estilo eclético do Brasil, com forte influência europeia e tendo alguns de seus exemplares como referência do período em que o município começou a se desenvolver, em 1812, impulsionado pela produção do charque.

A cidade possui cerca de mil e trezentos prédios inventariados, os quais contrastam, na paisagem local, por atestarem uma época passada, contrapondo-se às modernas construções da atualidade. Dentre esses exemplares da arquitetura pelotense, quatro são tombadas a nível federal, três a nível estadual e onze a nível municipal¹³.

Além disso, alguns desses bens materiais imóveis tiveram seus projetos de recuperação apoiados pelo Programa Monumenta, do Ministério da Cultura, que visa à preservação das áreas do patrimônio histórico e artístico urbano, protegidas pelo IPHAN, estimulando e conscientizando a população por meio de ações que

¹³Tombamento é uma ação administrativa realizada pelo Poder Público com o intuito de preservar bens de valor histórico, cultural, ambiental e de valor afetivo para a população, o qual abrange três níveis de proteção: federal, estadual ou municipal.

Bens arquitetônicos tombados a nível federal em Pelotas: Teatro Sete de Abril, Residência Charqueador Viana (casa 2), Residência Barão de São Luís (casa 6) e Residência Conselheiro Maciel (casa 8).

Bens arquitetônicos tombados a nível estadual em Pelotas: Catedral São Francisco de Paula, Casa da Banha e Instituto João Simões Lopes Neto.

Bens arquitetônicos tombados pelo município: Residência Barão da Conceição, Clube Comercial, Conservatório de Música e SANEP, Jockey Clube de Pelotas, Escola de Belas Artes, Grande Hotel, Lyceu Rio-Grandense, Prefeitura Municipal, Mercado Público Municipal, Estação Férrea e Museu da Baronesa.

ênfatazam a importância de se preservar os acervos existentes. Como os casos de restauro da Residência do Barão de São Luís (casarão 6), da Residência do Charqueador Viana (casarão 2), atual Secretária da Cultura e, ainda em fase de recuperação, a Residência do Conselheiro Maciel (casarão 8), localizadas na Praça Coronel Pedro Osório, centro do município.

A funcionalidade destes espaços recuperados, ou que ainda estão sendo restaurados, é outro fator relevante a ser ressaltado, pois poucos mantêm sua atividade original, como o Teatro Sete de Abril ou a Biblioteca Pública; a maioria desses espaços é reelaborada para fins turísticos, culturais ou educacionais, reconfigurando novas trajetórias históricas e de interação com a sociedade.

A Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) é uma instituição de ensino que, ao longo de seu desenvolvimento, foi adquirindo vários destes imóveis significativos da história local. Criada em 8 de agosto de 1969, pelo decreto-lei n.º 750, a UFPEL originou-se da transformação da Universidade Federal Rural do Rio Grande do Sul, essa criada em 1960, com a denominação de Universidade Rural do Sul, sediada em Pelotas e integrada pela Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, de outras escolas e de cursos posteriormente criados (Ciências Domésticas e Veterinária). Também da anexação das Faculdades de Odontologia e Direito, ambas pertencentes à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e com sede na cidade de Pelotas; bem como da agregação das unidades particulares: Faculdade de Medicina, Escola de Belas Artes Dona Carmem Trápaga Simões e do Conservatório de Música Milton de Lemos.

A partir de então, deu-se início à nova estrutura da universidade, através da implantação dos órgãos administrativos, da reformulação e adaptação das antigas unidades e do estabelecimento dos institutos de Ciências Humanas, Letras e Artes, Física e Matemática, Biologia, Química e Geociências, atendendo às necessidades básicas para seu funcionamento. Posteriormente, outras unidades foram surgindo, com o decorrer do tempo, para atender as exigências no campo do ensino e pesquisa¹⁴.

Observa-se que a UFPEL foi gradativamente estruturada em vários núcleos localizados em diversos pontos da cidade devido às suas origens: “Isso porque a própria forma de sua criação e o momento político em que ela ocorreu não

¹⁴MAGALHÃES, Mario Osorio. **UFPEL: 30 anos**. Pelotas: UFPEL, 1999.

permitiram que o seu desenvolvimento seguisse um plano diretor. Sendo assim, não havia como unificar setores, anteriormente isolados, com regimes e experiências diferentes, num todo harmônico e coerente, dentro de uma proposta universitária pensada e gestada pela comunidade interna e externa (LONER, 1999, p. 38-39)”.

Ainda de acordo com a autora, não só havia dificuldades internas como também financeiras, acarretando o impedimento de mudanças na localização espacial da universidade, assunto recorrente nas demais e atual gestão.

Desse modo, e citado anteriormente, essa instituição abriga alguns de seus cursos ou setores em prédios históricos alugados ou comprados pela instituição, como o curso de Turismo, antiga casa do Senador Assumpção, datada de 1887, situado na Rua Félix da Cunha esquina Rua Lobo da Costa (Figura 14) e do curso de Direito, prédio original de 1929, na Praça Conselheiro Maciel, n.º 215 (Figura 15), ambos no centro de Pelotas.



Figura 14- Prédio do curso de Turismo (antiga casa do Senador Assumpção).

Fonte: <<http://www.pelotas.ufpel.edu.br>> Acesso em: 10 jul 2011.



Figura 15- Prédio do curso de Direito.

Fonte: <<http://www.pelotas.ufpel.edu.br>> Acesso em: 10 jul 2011.

Dos imóveis adquiridos, ressaltam-se igualmente aqueles que tiveram participação ativa para o progresso econômico e social pelotense, os quais correspondem ao patrimônio industrial da comunidade: o antigo Frigorífico Anglo, de 1943, e atual Campus Porto (Figura 16), a antiga fábrica da Brahma, de 1944, em fase de reestruturação para implantação de um espaço de cultura (Figura 17) e a antiga produtora de lã Laneira Brasileira Sociedade Anônima – Indústria e Comércio, de 1949, integrada no ano de 2010 à UFPEL. (Figura 18)



Figura 16- Campus Porto (antigo Frigorífico Anglo), 2009.

Fonte: <<http://www.panoramio.com/photo/30012411>> Acesso em: 8 set 2011.

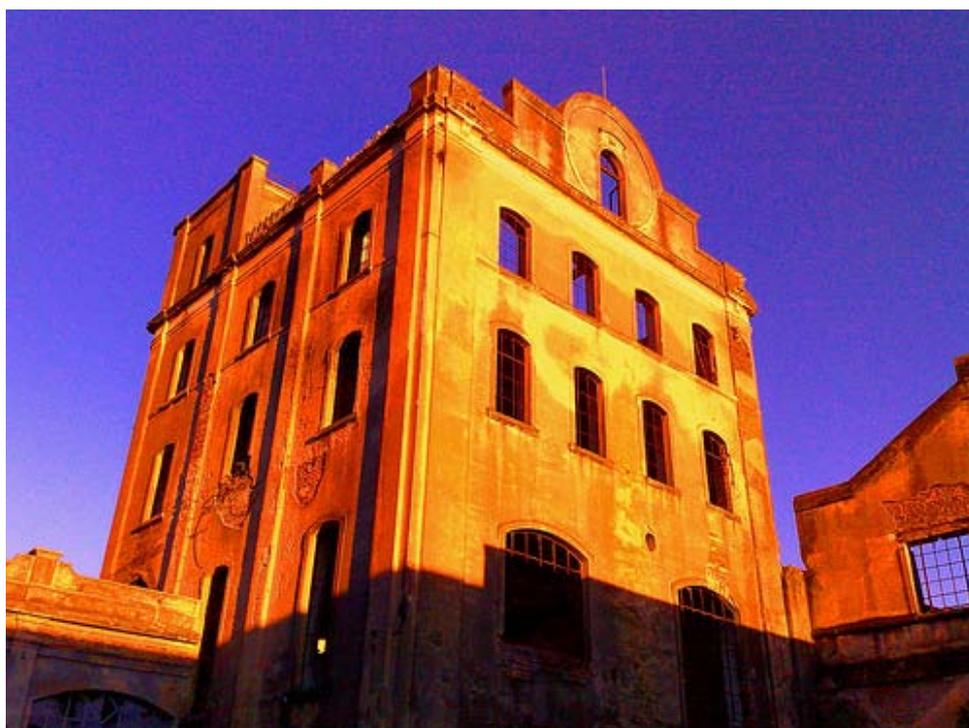


Figura 17- Antiga fábrica da Brahma, 2009.

Fonte: <<http://www.flickr.com/photos/suehtam/3718260367/>> Acesso em: 13 jan 2012.



Figura 18- Vista aérea da antiga indústria Laneira Brasileira S. A., década de 1980.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

A Laneira Brasileira Sociedade Anônima, assim como os demais imóveis, passará por reformas para a instalação de um auditório com setecentos lugares, espaço expositivo, uma unidade do CECP (Centro Especializado em Cuidados Paliativos), o CDTec (Centro de Desenvolvimento Tecnológico), o Museu do Conhecimento para Todos, o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter e o Memorial da Laneira.

O Memorial da Laneira destacará a trajetória dessa antiga indústria por meio do resgate e preservação dos artefatos encontrados em seu ambiente, objetos de estudo e discussão desta pesquisa para a compreensão dos fatores que constituem os acervos no que tange à formação dos memoriais, dando maior ênfase para o artefato fotográfico.

2.2 A formação dos Museus-Memoriais através dos fragmentos patrimoniais

Os fatores que caracterizam os museus, como são concebidos hoje, derivam das modificações e ampliações a seu respeito ao longo da história, juntamente com o processo de evolução do patrimônio.

Originalmente, o museu era um espaço destinado à contemplação e aos estudos científicos, literários e artísticos, sem a intenção de formar coleções para o desfrute do homem.

Somente no século XV, a reunião de objetos tornou-se moda em toda Europa, devido à revolução científica e humanista do Renascimento e da expansão marítima, caracterizando esse período pela formação de coleções principescas, científicas e pelo aparecimento dos Gabinetes de Curiosidade. (Figura 19)

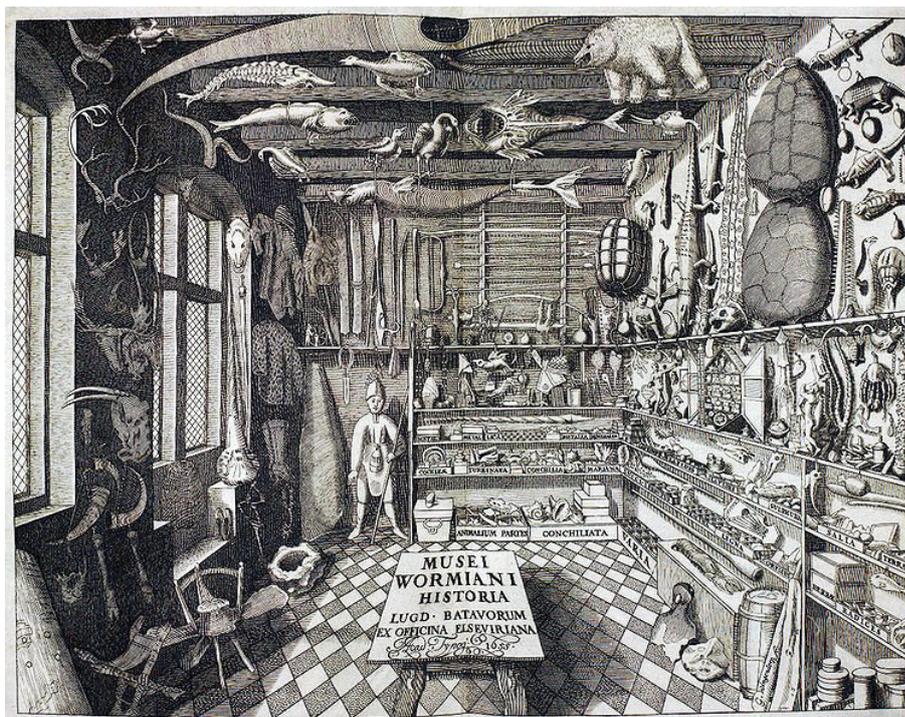


Figura 19- Gabinete de curiosidades, 1599.

Fonte: <<http://www.encyclopediavisual.blogspot.com/2009/12/gabinetes-de-curiosidades.html>>

Acesso em: 9 set 2011.

Os Gabinetes de Curiosidades reuniam uma grande diversidade de objetos e seres exóticos trazidos de outros continentes, os quais eram observados e estudados como a melhor forma de conhecer o mundo. A princípio, ainda não havia uma preocupação com a organização destas coleções de domínio particular, o que veio a acontecer com o passar do tempo, através do acompanhamento do progresso científico nos séculos XVII e XVIII, bem como o acesso do público no final do século XVIII.

Foi com a Revolução Francesa que o atual significado de museu surgiu: “Para preservar a totalidade e diversidade de um patrimônio nacionalizado, no contexto da

Revolução, foram desenvolvidos métodos para proceder ao seu inventário e gestão. Também foram concebidas formas de compatibilizar esses bens “recuperados pela Nação” com as demandas de seus novos usuários, ou seja, o povo, o que, às vezes, implicava atribuir-lhes novas funções. No caso dos bens móveis, estes deveriam ser transferidos para depósitos abertos ao público, denominados, a partir de então, de museus (JULIÃO, 2000, p. 20-21)”.

A busca pela formação e valorização da nacionalidade, por meio da proteção do patrimônio e exibição desses artefatos, delineou o conceito moderno de museu, consolidando-se, no século XIX, com a criação de relevantes instituições museológicas na Europa.

No Brasil, as primeiras instituições museológicas também aparecem no século XIX, destacando-se a iniciativa de D. João VI para a criação do Museu Real, em 1818, atual Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), composto inicialmente por um pequeno acervo de história natural doado pelo monarca e o qual passou a ter caráter científico somente no fim do século XIX.

Os museus brasileiros criados posteriormente ao Museu Nacional eram voltados para o recolhimento, a pesquisa e a exibição de coleções arqueológicas, paleontológicas, naturais e etnográficas, com finalidades enciclopédicas, modelo difundido em todo mundo e que predominou até a década de trinta do século XX, em nosso país. Porém, esse modelo foi superado e os museus passaram a enfatizar as questões voltadas para a formação e a valorização da nacionalidade por meio da cultura material, seguida até a década de 1960.

Já nos anos de 1970 e 1980, ocorreram inúmeros debates em torno do papel do museu na atual sociedade, destacando-se a Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1971, promovida pela UNESCO e o Movimento Internacional da Nova Museologia, em 1984, no Canadá, resultando no processo de reformulação da estrutura e dos objetivos museológicos, os quais passam a compreender as questões do cotidiano a serviço do sujeito e da sociedade.

Essas novas orientações afirmavam o compromisso do museu com uma concepção antropológica de cultura, de caráter abrangente, compreendida como um sistema de significações que permite comunicar, reproduzir, vivenciar um modo de vida global distinto, e que está envolvida em todas as formas de atividade social. (JULIÃO, 2000, p. 27)

Neste mesmo período, o Brasil também passa a seguir as tendências internacionais de renovação dos museus, revitalizando seus espaços institucionais para uma maior interatividade com o público na construção de novas identidades coletivas.

A ampliação da noção de patrimônio e o processo de globalização, em escala mundial, e o movimento de redemocratização do país contribuem para que diferentes movimentos da sociedade passassem a se ocupar da questão do patrimônio, identificado como campo propício à afirmação de novas identidades coletivas. Resultado de uma crescente segmentação da sociedade, os museus se especializaram, se tornaram temáticos e biográficos, atendendo à demanda progressiva de segmentos e grupos sociais - indígenas, negros, imigrantes, ambientalistas, moradores de bairros, etc. – que reivindicavam o direito à memória. (JULIÃO, 2000, p. 28)

Percebe-se que o processo de evolução e a acessibilidade dos museus ao público foram sendo redefinidos ao longo do tempo, acompanhando o entendimento e a ampliação do campo patrimonial, citado anteriormente no primeiro capítulo, bem como o reconhecimento e a valorização de uma cultura heterogênea.

Segundo Anico (2005, p. 83), tanto o patrimônio quanto os museus tem um papel relevante na elaboração de consciências pessoais e na constituição das representações identitárias locais, regionais ou nacionais por serem instrumentos ideológicos e pedagógicos.

De acordo com os Estatutos do ICOM (Conselho Internacional de Museus)¹⁵ adotados na 21ª Conferência Geral, na Áustria, em 2007, a definição de museu corresponde a:

Um museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio tangível e intangível da humanidade e seu meio ambiente para fins de educação, estudo e diversão. (<<http://www.icom.museum/who-we-are/the-vision/museum-definition.html>>, tradução nossa)¹⁶

¹⁵O ICOM é uma organização internacional de museus e de profissionais de museus, criado em 1946, para a preservação e difusão do patrimônio mundial, cultural e natural à sociedade.

¹⁶Texto original da citação: "A museum is a non-profit, permanent institution in the service of society and its development, open to the public, which acquires, conserves, researches, communicates and exhibits the tangible and intangible heritage of humanity and its environment for the purposes of education, study and enjoyment." (<<http://www.icom.museum/who-we-are/the-vision/museum-definition.html>>)

Além disso, Ojeda (on-line, p. 1) comenta outras informações a respeito das designações que podem ser apreendidas como museu, as quais foram estabelecidas pelo ICOM na 18ª Assembleia Geral, no ano de 1995:

- I- os sítios e os monumentos naturais, arqueológicos e etnográficos e os sítios e monumentos históricos que possuam a natureza de um museu pelas suas atividades de aquisição, de conservação e de transmissão dos testemunhos materiais dos povos e do seu meio ambiente;
- II- as instituições que conservam coleções e que apresentam espécimes vivos de vegetais e de animais, tais como os jardins botânicos e zoológicos, aquários, viveiros;
- III- os centros científicos e os planetários;
- IV- os institutos de conservação e galerias de exposição que dependem das bibliotecas e dos centros de arquivo;
- V- os parques naturais;
- VI- as organizações nacionais, regionais ou locais de museus, as administrações públicas de tutela dos museus tal como foram acima definidas;
- VII- as instituições ou organizações com fins não-lucrativos que exercem atividades de investigação, educativas, de formação, de documentação e outras relacionadas com os museus ou a museologia;
- VIII- qualquer outra instituição que o Conselho executivo, segundo opinião da Comissão consultiva, considere como detentoras de algumas ou da totalidade das características de um museu, ou que possibilite aos museus e aos profissionais de museu os meios de fazerem investigações nos domínios da museologia, da educação ou da formação¹⁷.

Partindo dessas definições, torna-se possível compreender a formação de um Memorial como instituição no sistema de museus, por ser um espaço que permite invocar determinados contextos históricos através da preservação de fragmentos e das lembranças por esses suscitadas.

Em contraponto, Barcellos (1999) discute a falta de uma definição mais consistente sobre Memorial como instituição, refletindo sobre os diversos significados e funções que abrangem esses locais de memória na contemporaneidade.

Para o autor: “[...] o eixo sobre o qual o trabalho de um memorial deve centrar sua organização é a memória do Estado ou da instituição a que se refere – o que os libera de se constituírem como os demais museus, de maneira aleatória em função de determinados acervos, temas ou objetos. Não cabe ao Memorial um acervo

¹⁷Informações disponíveis em: <http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=1111> Acesso em: 20 jul 2011.

diverso dos fins institucionais para os quais foi criado [...] (BARCELLOS, 1999, p. 11-12)”.

Nesta perspectiva, a constituição de um memorial baseia-se na conservação de fragmentos que remetem a uma determinada coletividade, no intuito do reconhecimento e interação das ações que contribuíram para o desenvolvimento social, as quais vão se reestruturando com o passar do tempo.

Faz-se presente, então, o caso da antiga indústria Laneira Brasileira Sociedade Anônima, que carrega em si a memória de um grupo, expressada pela visualização e simbolismo que os vestígios possibilitam reinterpretar a respeito desse trabalho fabril.

A Figura 20 aponta um pequeno indício das primeiras tarefas realizadas para a manufatura da lã, na qual se encontram homens e mulheres em meio ao trabalho de organização, inspeção e classificação dos amarrados de lã bruta quando esse produto chegava a fábrica. Nota-se também pelo recorte desse instante capturado, a grande quantidade de lã armazenada, apontando possivelmente para um dos momentos de plena prosperidade da Laneira.



Figura 20- Classificação do velo de lã, fotografia PB, s/ data.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Já a Figura 21, ao contrário da anterior, apresenta algumas das inúmeras peças que permaneceram na indústria após o seu fechamento, objetos de um passado que indicam a funcionalidade destes para o desenvolvimento das operações na Laneira e ao mesmo tempo o declínio dessa pelo desuso dos artefatos.



Figura 21- Lote de Moldes.
Fonte: Autora, 2011.

Do ponto de vista da comunicação, os objetos configuram-se no presente como importantes recursos museológicos, não só devido à sua materialidade, mas também porque constituem um arquivo de informação, que pode ser consultado, reproduzido e disponibilizado para diferentes propósitos, muitas vezes mediante a sua articulação com outras fontes de informação como sejam, fotografias, testemunhos orais, ou gravações, contribuindo desse modo para a criação de estratégias expositivas mais polissêmicas, contrariando as práticas museológicas baseadas na apresentação de um significado único e unívoco dos objectos, construído a partir do estudo aprofundado das características formais. (ANICO, 2005, p. 80)

A preservação de objetos e os testemunhos de uma realidade são inerentes à formação dos memoriais, pois é o meio pelo qual se pode entender o processo de

evolução da história social, dos valores e das atividades concretizadas no passado e ressignificadas culturalmente no presente. Diálogo que se estabelece entre os fragmentos de memória da Laneira Brasileira S. A. e seu espaço ao novo contexto da unidade de educação da Universidade Federal de Pelotas.

A criação do Memorial sobre a extinta Laneira é uma proposta que solicita a disponibilização de parte do local para atividades de interesse da área da cultura, sob a responsabilidade do DART/PREC (Departamento de Arte e Cultura / Pró-Reitoria de Extensão e Cultura), com vistas também a registrar parte da história do Fragata, bairro em que se localiza a indústria.

O acervo remanescente deste contexto fabril encontrava-se sob a guarda da advogada responsável pela administração da massa falida. Somente os objetos sem valor de mercado foram doados para a formação do memorial; os demais, como o maquinário, deveriam ser vendidos para o pagamento dos antigos funcionários.

Dos objetos doados constam: álbuns fotográficos, moldes, vidros de laboratório, máquinas de escrever, caixas com grampos e agulhas, balanças, entre outros que estavam na primeira sala do antigo setor administrativo da Laneira e numa segunda sala do mesmo setor havia uma zorra com documentos, parte de um álbum desmontado e parte dos livros de registros¹⁸.

Ainda conforme as informações dadas pelo professor Pellegrin: “Com todo o material disponível solicitei ajuda à professora Francisca Michelin para avaliar o acervo e indicar as possíveis áreas de interesse em pesquisa da UFPEL. Pesquisadores que poderiam usufruir daqueles documentos. Definimos e ela fez uma primeira seleção. Eu repassei as fotografias que recebi ao arquivo da UFPEL, lembrando que seria material fonte para o memorial. Outras áreas selecionaram o que era de interesse”.

Desta forma, os materiais resgatados do período de funcionamento da Laneira Brasileira, no intuito de preservação dos mesmos, foram levados para o Núcleo de Documentação Histórica (NDH/UFPEL) e para a Fototeca Memória da Universidade Federal de Pelotas.

O NDH tem por objetivo guardar e arquivar documentos históricos sobre a universidade e os movimentos sociais da região sul do Estado. Nesse núcleo estão

¹⁸Informações fornecidas pelo Prof. Dr. José Luiz de Pellegrin, diretor do DART.

os processos trabalhistas da indústria, FGTS, plantas arquitetônicas etc., sendo que parte desses documentos encontra-se organizada. (Figura 22)



Figura 22- Sala de documentação – NDH.
Fonte: Autora, 2011.

O acervo localizado na Fototeca corresponde à documentação de compra e venda de imóveis, contrato de trabalho, notificações e hipotecas, plantas arquitetônicas e fotografias da fábrica em questão. (Figura 23)



Figura 23- Sala da Fototeca Memória da UFPEL.
Fonte: Autora, 2011.

E ainda há os artefatos materiais que permaneceram no ambiente da Laneira Brasileira S. A.: peças de moldes, máquinas, quadros, ferramentas, mobílias, livros, placas de metal, mostruários de lã, tonéis, enfim, objetos que levam a refletir sobre o que um dia foi essa fábrica.

Para a conservação desses artefatos, foram realizadas algumas ações como: limpeza, organização e guarda dos mesmos pela tipologia, em unidades (Figuras 24 e 25) ou em lotes (Figuras 26 e 27), registro fotográfico e criação de fichas com alguns dados das peças (Anexo 1). Primeiras medidas que possibilitam manter a integridade e o aprofundamento de pesquisas voltadas para a investigação desses vestígios¹⁹. (Figura 28 e 29)

¹⁹O trabalho de organização desses materiais foi realizado pelo Conservador e Restaurador da UFPEL Fábio Alves Galli, Martha Possapp Tavares (aluna do curso de Conservação e Restauro - UFPEL) e pela pesquisadora desta dissertação.



Figura 24- Gabarito.
Fonte: Autora, 2011.



Figura 25- Molde.
Fonte: Autora, 2011.



Figura 26- Lote de Expositores de lã.
Fonte: Autora, 2011.

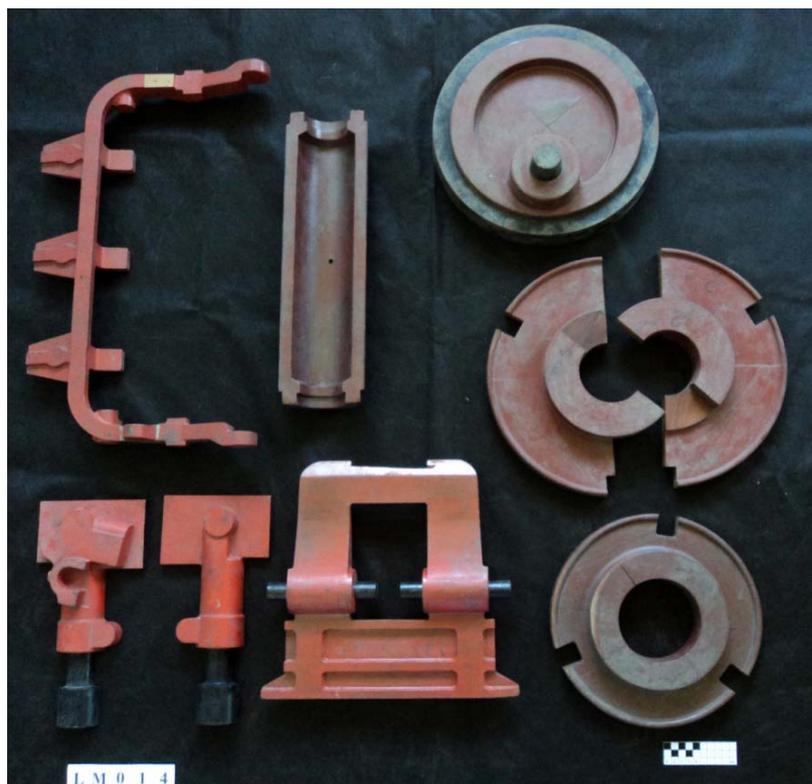


Figura 27- Lote de Moldes.
Fonte: Autora, 2011.



Figura 28- Sala com os artefatos que permaneceram na Laneira.
Fonte: Autora, 2011.



Figura 29- Sala com os artefatos que permaneceram na Laneira.
Fonte: Autora, 2011.

Esses objetos são indícios de um passado visto através de sua materialidade, mas que somente ganharão sentido quando os mesmos forem recontextualizados em seus conjuntos, caracterizando suas utilidades em relação aos ritos efetivados pelos indivíduos que trabalharam na Laneira.

Embora levem a imaginar de qual equipamento seja “tal” engrenagem ou para quais fins fossem usados os moldes de madeira, os objetos por si só não nos apresentam uma cena dada a várias interpretações, por definição eles correspondem à sua própria designação.

O valor dado aos artefatos materiais deve-se ao fato dos vínculos estabelecidos com os mesmos, se esses forem compreendidos como componentes externos do homem. Com isso, a crença no uso de objetos pode apontar para qual grupo um indivíduo pertence, seu status social, seu trabalho, modos de agir e pensar que o identificam em seu meio de atuação.

Além disso, Pels (1998 apud JONES, 2007, p. 36), destaca a importância do tratamento da materialidade dos objetos como qualidade das relações e não qualidade dos objetos, focando como as pessoas usam os objetos e como elas lhes permitem interagir. Por isso, quando observados os resíduos remanescentes dessa indústria, remete-se aos sujeitos que construíram suas identidades tanto pessoais quanto coletiva, pelo convívio diário, em diferentes setores de produção, no intuito do desenvolvimento da empresa.

[...] a identidade se fundamenta em uma relação de construção e em uma construção ideológica que hierarquiza e fetichiza alguns símbolos supostamente próprios, mediante aos que se canalizam, ciclicamente, as energias e os sentimentos coletivos; porque os processos de construção das identidades são, como observa Juan José Pujadas (1993), processos ideológicos (conjunto de representações, valores, crenças e símbolos), processos políticos (com a finalidade de marcar os limites entre nós e eles) e processos culturais (a história e a tradição), que representam o vínculo genealógico e a herança cultural. (ARÉVALO, 2004, p. 934)

Identidades que instigam a revisitar memórias interligadas pelas lembranças dos objetos que concentram e refletem as mais diferentes experiências dos personagens que passaram pela Laneira, povoando o imaginário pelotense.

Assim, a conservação e a organização dos fragmentos materiais simbólicos dessa história fabril são essenciais para a constituição de seu memorial, o qual deverá ficar pronto até o final de 2012; bem como relacionar os materiais que estão

no NDH, na Fototeca e no próprio espaço da fábrica às memórias dos indivíduos que efetivaram essa trajetória industrial apresentada no próximo subcapítulo.

2.3 A Laneira Brasileira Sociedade Anônima – Indústria e Comércio

A Laneira Brasileira S. A. inicia sua trajetória através do industrialista espanhol Moyses Llobera Gutes, residente do município de Petrópolis, no Rio de Janeiro. Empreendedor industrial, o Sr. Llobera foi proprietário, sócio ou diretor também de outras fábricas nacionais, como a Primeira Indústria Brasileira de Feltros em Petrópolis – RJ, citada no guia Petropolitano, na década de 1950. Também diretor-presidente da Companhia Fiação, Tecelagem e Comércio Realengo – RJ, referida na mesma década²⁰.

Primeiramente constituída como uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada, a indústria foi registrada como *Laneira Brasileira Ltda.*, em 5 de novembro de 1945, na cidade de Porto Alegre, e com sua sede social na rua Vigário José Ignácio n.º 153; posteriormente, na rua Voluntários da Pátria n.º 2553, próxima ao rio Guaíba, tendo por atividade o beneficiamento da lã.

Em 8 de dezembro de 1948, ocorre a mudança de contrato social da sociedade por cotas para sociedade anônima, denominando-se Laneira Brasileira Sociedade Anônima Indústria e Comércio. Nesse período, os principais acionistas eram: Moyses Llobera Gutes, Tito Livio Mônaco (também procurador do Sr. Llobera), Adélio Motta Viana, Auto Paiva Guimarães, João Cândido Teixeira, Leocádio de Almeida Nunes e José Andino Mônaco.

Entre os anos de 1948 e 1949, a indústria começou o processo de transferência para a cidade de Pelotas devido à sua localização com as vias comerciais de produção de lã no Estado do Rio Grande do Sul, como é relatado no seguinte trecho da Ata da Assembleia Geral realizada em 8 de janeiro de 1949:

[...] como administradores, não podemos pensar somente no presente si não que, principalmente, devemos administrar com sentido no futuro. Aclarados pelos fatos, buscamos uma nova localização para nossa lavanderia; uma localização consentânea com as vias comerciais das lãs produzidas no nosso Estado.

²⁰Informações sobre Moyses Llobera Gutes pesquisadas pelo museólogo Márcio Dillmann de Carvalho.

Feitos os estudos técnicos, concluímos que a melhor localização para a lavanderia é o Porto de Pelotas, quer pela sua posição geográfica, quer pela sua importância como mercado lanígero.

Ademais, encontramos no ambiente pelotense amplo apoio de todas as camadas sociais. (ATA DA ASSEMBLEIA GERAL, 1949, p. 3)

Constatados os fatores favoráveis do município pelotense, os administradores da Laneira viram a possibilidade de investir no progresso da fábrica, já que a cidade de Porto Alegre estava deixando de ser ponto estratégico de convergência para importação e exportação da lã gaúcha, essa oriunda dos portos de Pelotas e Rio Grande e das estações de Livramento e Uruguaiana.

Com o término da II Guerra Mundial, ocorreu a normalização do transporte e comércio da lã proveniente das cidades de Pelotas, Rio Grande, Santana do Livramento e Uruguaiana, as quais voltaram a assumir o ponto de convergência para reexportação da lã, tornando conseqüentemente Porto Alegre um município inviável para a reexportação do produto devido ao alto custo, conforme descrição na mesma ata.

Ora, para os exportadores de lãs, sediados na sua grande maioria ou ao menos na sua representação mais importante, à margem da linha férrea e ramais ligados a Uruguaiana – Estação Marítima, é antieconômico enviarem lãs a Porto Alegre para serem lavadas e daqui reexportadas. (ATA DA ASSEMBLEIA GERAL, 1949, p. 2-3)

Com isso, a Laneira Brasileira S. A. veio a caracterizar-se aos poucos no cotidiano pelotense, situando-se na Rua Duque de Caxias, antiga Avenida General Daltro Filho, n.º 104, no Bairro Fragata. Por volta de 1949, foi realizada a compra de um prédio de alvenaria com treze aberturas de frente, sendo cinco portas, cinco janelas e três portões, sob os números 100, 102, 104 e 106, edificado em terreno próprio.

Nos anos de 1952 e 1953, foram adquiridos mais dois terrenos sem benfeitorias, situados ao lado leste do prédio n.º 104 de propriedade da referida indústria. Também em 1953, foi arrematada uma casa residencial sob o n.º 114 e um portão sob o n.º 112, com pequenos quartos.

Os imóveis de números 102, 104, 106, 100, 112 e 114, adquiridos ao longo desses anos, foram demolidos dando lugar a novas construções, abrangendo uma área de cinco mil, seiscentos e dezoito metros quadrados de edifícios tipo fábrica, de

alvenaria, compreendendo quatro pavilhões, escritórios administrativos e parte superior.

Segundo Moura e Schlee (1998), a construção do novo prédio industrial foi realizada pelo Engenheiro Paulo Ricardo Levacov, em 1949, o qual projetou um edifício semelhante a um grande galpão, seguindo uma tendência modernizadora de prédios fabris de outras cidades, com plantas livres, fachadas simplificadas e aberturas padronizadas. Além das paredes em tijolo à vista, pouco comum para a época e que abrigavam a maquinaria mais desenvolvida no tratamento da lã.

Outra característica relevante do projeto foi a criação de um arcabouço físico que desse suporte e bom desempenho ao processo industrial, desde o acesso à matéria-prima, à lã suja e seu tratamento, lã limpa e empacotada.

Paralelo à construção da fábrica, no início da década de 1950, foi transferido para Pelotas todo o maquinário de Porto Alegre, bem como foram importadas máquinas novas somente para a lavagem de lã, ao mesmo tempo em que a Laneira começa a se tornar conhecida pela associação de novos acionistas, pessoas residentes e reconhecidas no município²¹.

Na década de 1956, o grupo acionário da Laneira era composto pelos seguintes membros, além dos já citados no início do texto: Eugenio Martins Pereira, Yurgel (?) Ltda²², Pedro Chaves de Souza Costa, Octavio Leivas Leite, Ary Xavier, Arthur de Souza Leite, Lauro Oliveira, Urbano Oliveira, José Yurgel, Theodoro Muller, João G. Abrantes, Rodolfo Pedrotti, J. Ferraz Vianna, Adolfo Fetter, Ayres C. Echenique, Srs. Mascarenhas de Souza, Eduardo Gastal, Cândido Monti, Paulo da Cunha Echenique, Eda M. M. de Souza e Olavo Alves Júnior.

Gradativamente, a indústria foi se expandindo pelo desenvolvimento de suas atividades de beneficiamento da lã e, em 1972, efetuou-se a compra de mais um armazém com três aberturas de frente sul à Avenida Duque de Caxias, n.º 116, ampliando o parque industrial e passando a fabricar o tops de lã (pré-fio para a fiação), além da lavagem.

Concomitantemente, a fábrica buscou no mercado internacional países com interesse em adquirir seu produto, destacando-se como principais compradores a Alemanha, a França e a Inglaterra.

²¹Informações cedidas pelo Sr. Elmo Vieira da Silva, ex-contabilista e diretor da Laneira Brasileira S. A. em depoimento não gravado, apenas registrado por escrito.

²²O nome encontra-se ilegível na fonte original.

Neste mesmo período da década de 1970, durante a construção do novo espaço para a implantação da maquinaria do tops, a Laneira foi afetada pela crise mundial da lã, de acordo com o trecho registrado na Ata das Reuniões da Diretoria de 1974:

Diante desse quadro esdrúxulo e incompatível com a realidade, nossa política de compras foi drasticamente atingida, levando-nos a preferir perder negócios com produtores, em cerca de 600 toneladas, por não aceitarmos as imposições do perigoso e falso mercado de abastecimento-campanha (ATA DAS REUNIÕES DA DIRETORIA Nº 78, 1974, p. 56).

Consequentemente, a comercialização da safra da lã de 1974 foi reduzida e para se obter uma renda extraoperacional, o pavilhão de entrada e classificação da lã foi disponibilizado para armazenagem de cereais e de outros produtos provisoriamente²³.

Esta não era a primeira vez que a indústria passava por dificuldades em decorrência da crise no mercado de lã, discussão anteriormente mencionada na Ata de Assembleia Geral de 30 de abril de 1953.

Embora afetada pela crise, a fábrica continuou a se desenvolver e no ano de 1976 a Laneira associou-se ao Lanifício do Rio Grande do Sul Thomaz Albornoz, com sede em Santana do Livramento, considerada sua concorrente em nível de Rio Grande do Sul e Brasil. Por consequência, neste mesmo ano, o Lanifício T. Albornoz tornou-se a empresa majoritária, comprando o controle do principal acionista e, posteriormente, dos demais acionistas pelotenses que tinham o interesse de vender suas ações.

Na ata de 20 de dezembro de 1977, consta a leitura da declaração enviada pelo ex-diretor, José Andino Mônaco, ao novo presidente, Dr. Dilney Vares Albornoz, e aos diretores, enfatizando positivamente a mudança do comando da Laneira Brasileira para o grupo Albornoz:

A Laneira termina hoje a primeira fase de suas atividades iniciadas em 1950 sob a direção de seus fundadores e o patrocínio dos melhores expoentes da Sociedade Pelotense. Por uma geração estiveram à frente da administração e hoje, premidos pelo inexorável fator tempo e idade retiram-se da Laneira para a merecida inatividade. Noto com saudade, porém com satisfação do dever cumprido a projeção da Laneira para o futuro, pela nova geração que assume o comando e sua responsabilidade constituída pelos reconhecidos

²³Informação pesquisada na Ata de Reuniões da Diretoria nº 79 de 22 de abril de 1974.

líderes da produção de lãs e tops no estado e no Brasil. Este fato deixa-me completamente realizado e aproveito esta assembleia para transmitir aos dirigentes os votos de ininterrupto progresso e satisfações pessoais. Aos colaboradores que por merecimento alcançaram um justo destaque, incluindo os modestos elementos da administração e produção. Deixo o testemunho de meus agradecimentos pelo eficiente apoio recebido. (ATA DA ASSEMBLEIA GERAL, 1977, p. 41-42)

De acordo com Nocchi (2001, p. 44), o Lanifício do Rio Grande do Sul Thomaz Albornoz S. A. foi fundado no ano de 1908, por Thomaz Albornoz, na cidade de Santana do Livramento. Dentre suas principais atividades estava a fabricação do tops de lã iniciada em 1962, tornando a Albornoz a primeira fábrica a industrializar a lã em sua própria zona de produção. Seu produto tinha compradores de empresas da China, Hong Kong e de países Europeus.

A união de ambas as fábricas fez da empresa a maior exportadora de tops no Brasil, pois a produção da lã brasileira se concentrava no Rio Grande do Sul com a criação de ovinos.

Entre os anos de 1977 a 1980, a indústria passou a receber grandes incentivos fiscais de exportação devido ao interesse do governo em expandir as exportações brasileiras em diversos seguimentos industriais, fato que contribuiu para a continuidade do crescimento do Lanifício Albornoz e Laneira Brasileira²⁴.

Na década de 1980, a Laneira acrescenta a suas atividades o processo de fiação da lã e, por volta dos anos de 1990, o tingimento dos fios.

Ao longo de sua trajetória a indústria sofreu vários desgastes; entre o final dos anos de 1980 e 1981, os incentivos fiscais para a exportação de produtos foram retirados pelo governo, causando restrições à empresa na área de crédito.

Entrando num processo de dificuldades, começaram-se as negociações junto aos seus fornecedores (cooperativas de lã) e alguns bancos que tinham crédito na indústria, optando-se por fazer a apuração de todo o patrimônio líquido da Laneira e constatar que essa possuía superávit para o pagamento dos credores.

Conforme Corrêa (2001 apud NOCCHI, 2001, p. 58), o Lanifício Albornoz, grupo controlador da Laneira, esteve no comando da família até 1982; a partir deste ano até 1989, passou para a "Holding Esquila", administrada pelo Banco Auxiliar de São Paulo, através de acordo judicial. Na década de 1989, o Lanifício foi retomado

²⁴Informações cedidas pelo Sr. Elmo Vieira da Silva, ex-contabilista e diretor da Laneira Brasileira S. A. em depoimento não gravado, apenas registrado por escrito.

pela família e, em 1996, a indústria é arrendada à COOFITEC²⁵, cooperativa formada pelos funcionários.

Em março de 2003, a empresa controladora requereu a falência da Laneira, homologada imediatamente e, por consequência, a mesma foi desanexada do Lanifício T. Albornoz.

A Laneira Brasileira Sociedade Anônima fechou suas portas em abril de 2003, com um parque industrial correspondente a 14 000 m² de área coberta construída.

2.3.1 O trabalho fabril da Laneira Brasileira S. A.

Os procedimentos realizados para o tratamento da lã envolve um trabalho complexo, que passa por várias etapas; de modo geral, ressaltam-se os seguintes processos desenvolvidos no ambiente fabril Laneira Brasileira:

Classificação- a lã era analisada e avaliada por suas características, geralmente feita por mulheres. Como é possível observar na cena da imagem (Figura 30), as funcionárias em meio à lã bruta e às zorras (carrinhos utilizados para o transporte interno do produto).



Figura 30- Setor de classificação da lã, fotografia PB, s/ data.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

²⁵Cooperativa dos Profissionais da Indústria da Fiação e Tecelagem de Santana do Livramento Ltda.

Lavagem- após a classificação, a lã era levada para os lavadouros para a retirada das sujidades e impurezas como: terra, gordura, suor e resto de vegetais. A lã passava por cinco barcas de diferentes temperaturas, a última barca continha somente água pura, sem detergentes para ajudar na lavagem. Na Figura 31, visualiza-se parte do maquinário utilizado para a lavagem da lã, apresentando no primeiro plano da fotografia o início desse processo com a entrada da lã suja na máquina.



Figura 31- Setor de lavagem da lã, fotografia PB, s/ data.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Seguida da etapa de lavagem, a lã era seca em esteiras e levada para a praia de arear, também chamada de a praia da lã (denominação atribuída pelos funcionários), através de uma tubulação para a armazenagem da lã limpa e posterior distribuição aos setores de prensa e enfardagem ou para a fabricação do tops. Observa-se na Figura 32 o espaço utilizado para a guarda da lã limpa, localizado no segundo andar da fábrica; ainda se identifica na parte superior da imagem a tubulação e, no canto esquerdo, um amontoado de lã lavada.



Figura 32- Praia de arear, fotografia cor, 1994.

Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Prensagem- local em que a lã limpa era prensada e enfardada para comercialização; como mostra a Figura 33 o uso de uma máquina de prensa mais antiga. Além disso, a imagem apresenta características do vestuário dos operários da Laneira, sendo que dois desses operários chamam a atenção por estarem descalços e um deles estar fumando. Observações que podem levar à discussão sobre a segurança e as condições de trabalho enfrentadas pelos funcionários no período inicial das atividades da indústria.



Figura 33- Máquina de prensar lã, fotografia PB, s/ data.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Tops- fase inicial da industrialização da lã *in natura*, para a produção do pré-fio, matéria-prima para a fiação: “Nesse processo a lã é inicialmente classificada, por finura e qualidade, passando depois pela triagem e desdobre, para então ser lavada, cardada, penteada, receber o acabamento e finalmente ser prensada, sendo vendida na forma de bobinas ou *bumps* (NOCCHI, 2001, p. 54)”.

Cardagem- etapa de eliminação das impurezas que ainda permaneciam mesmo com o processo de lavagem. E de acordo com Gonçalves (2005 apud CARVALHO, 2011, p. 11): “Nesta operação, os tufo de lã continuam a ser desemaranhados até a separação total das fibras, dispondo-as em seguida de forma a criar um véu que à saída da carda é transformado numa fita. A cardação transforma assim a lã em estado descontínuo (em rama) num primeiro estado contínuo (fita de cardado). O comprimento das fitas está orientado segundo o eixo da fita.” Na Figura 34, pode ser vista a parte final do equipamento de carda, no qual a lã passa por rolos, entra no funil em forma de mecha e posteriormente vai para o vaso.



Figura 34- Máquina de cardagem de lã, fotografia PB, s/ data.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Após a cardagem, a lã passava pelas máquinas conhecidas por *intersectings*, as quais preparavam e enrolavam as mechas de lã para a fiação. Verifica-se, de forma mais clara, essa etapa no primeiro plano da fotografia (Figura 35).



Figura 35- Máquinas *intersectings*, fotografia PB, s/ data.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Penteagem- processo que dá continuidade à eliminação de impurezas, remoção das partes curtas das fibras e de tamanho inadequado para obtenção de bons fios e uniformização do comprimento das fibras, resultando em fios muito finos, resistentes e com qualidade. O recorte visual da imagem (Figura 36) pode dar uma noção das inúmeras máquinas utilizadas nesse processo, garantindo assim a agilidade na produção.



Figura 36- Penteagem de lã, fotografia cor, s/ data²⁶.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Fiação- etapa que se inicia após a cardagem para desembaraçar a lã e homogeneizar mechas através da diminuição de sua massa por unidade de comprimento; posteriormente, são reduzidas e torcidas para alimentar o anel filatório e se obter o fio pronto. Visualiza-se, através da Figura 37, parte do setor de fiação e de seu maquinário usado na confecção do fio de lã.

²⁶Imagem colocada para exemplificar o processo de penteagem, mas que corresponde ao setor de mesma função do Lanifício T. Albornoz.



Figura 37- Máquina Frotteur utilizada para fiação, fotografia cor, 1994.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Tingimento- último processo no qual o fio confeccionado e aprovado era levado para um armário, com as cores já estabelecidas para ser tingido e, por fim, centrifugado e seco. A Figura 38 mostra um funcionário operando uma das máquinas na área de tinturaria.



Figura 38- Tinturaria, fotografia cor, 1994.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

O produto final era comercializado para outras empresas e também vendido na loja da própria fábrica.

Além disso, é relevante ressaltar que a empresa era formada por distintos setores e funções, destacando-se no documento de 1984 (Figura 39 e 40) organizado pelo Departamento de Recursos Humanos²⁷, a descrição específica dos cargos exercidos para o andamento da fábrica, bem como para a efetivação das operações voltadas ao processamento da lã.

LANEIRA BRASILEIRA S/A. IND. & COM. DEPARTAMENTO DE RECURSOS HUMANOS DESCRIÇÃO DE CARGO			
CARGO: APONTADOR			
LOTAÇÃO: CLASSIFICAÇÃO E TRIAGEM			
NOME DO FUNCIONÁRIO: Balbino.			
<ul style="list-style-type: none"> . Efetua a pesagem da lã destinada a lavanderia, confrontando com anotações feitas pelos classificadores. . Anota em fichário próprio a quantidade de lã pesada informando, ao escritório interno. . Efetua a abertura de fardos, abastecendo as mesas de classificação com lã bruta. . Separa capacho, ponta queimada, sementes, etc. . Auxilia na carga e descarga de caminhões. . Pode abastecer a rasgadeira com lã bruta. 			
DATA DA ANÁLISE	ANALISTA	CHEFE DE PESSOAL	DIRETOR
16/07/1984	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>

Figura 39- Documento referente aos cargos exercidos na Laneira Brasileira.
Fonte: Márcio Dillmann de Carvalho, fotografia digital, 2011.

²⁷ Este documento está localizado no NDH/UFPEL.

LANEIRA BRASILEIRA S/A. IND. & COM.
DEPARTAMENTO DE RECURSOS HUMANOS
DESCRIÇÃO DE CARGO

CARGO: OPERADOR DE CENTRIFUGA
LOTAÇÃO: LANOLINA
NOME DO FUNCIONÁRIO: João, Claudio.

- . Opera máquina centrífuga para extração de lanolina, abastecendo-a com água bruta proveniente das barcas da lavanderia, regulando-a de acordo com a temperatura da água.
- . Controla a entrada de água das barcas nos tanques e destes nos depósitos das centrífugas.
- . Recolhe amostras de lanolina enviando-as para testes no Controle de Qualidade.
- . Deposita a lanolina extraída, em tanques de decantação observando normas técnicas como separação de resíduos e umidade.
- . Executa a transferência da lanolina decantada para os tonéis, informando a quantidade obtida ao Controle de Qualidade.
- . Lubrifica os eixos centrais das centrífugas.
- . Efetua reparos nas centrífugas como troca de fibras, filtros, etc.
- . Mantém limpo o local de trabalho.
- . Pode auxiliar na classificação, caldeira, lavanderia, e na carga e descarga de caminhões.

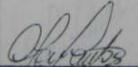
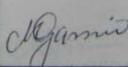
DATA DA ANÁLISE	ANALISTA	CHEFE DE PESSOAL	DIRETOR
15 / 07 / 1984			

Figura 40- Documento referente aos cargos exercidos na Laneira Brasileira.
Fonte: Márcio Dillmann de Carvalho, fotografia digital, 2011.

A jornada de trabalho na Laneira era de oito horas diárias e funcionava em três turnos, para que a produção não parasse. Na década de 1990, a rotina de trabalho havia sido dividida em quatro turnos de 6 horas diárias.

Isso ocorreu por força e pressão do sindicato para que fossem gerados mais empregos, segundo o Sr. Marco Aurélio Costa, ex-chefe da fiação, que chegou a ter cento e doze pessoas trabalhando em seu setor e que somado aos demais empregava mais de quatrocentos operários. Desses, muitos eram membros da mesma família.

Em distintos períodos, como meio de valorizar os trabalhadores, a referida indústria proporcionava festas de finais de ano, cestas de Natal, gratificações financeiras anuais, treinamentos para qualificação do trabalho, promoções para mudança de cargo, refeições e assistência médica.

Para o lazer, eram organizadas excursões, campeonatos de futebol pela cidade e pelo SESI, destacando-se o Grêmio Atlético Laneira, considerado o melhor time entre as fábricas pelotenses.

Momentos do trabalho, da convivência, da história que aos poucos está sendo reconstruída pela relação entre os documentos escritos, os depoimentos e as fotografias, esses são elementos imprescindíveis para o levantamento de informações e para a preservação da memória do grupo fabril Laneira Brasileira ao serem sistematizados.

Capítulo 3

O Acervo Fotográfico Laneira Brasileira S. A.

3.1 O ingresso e a sistematização da Coleção Fotográfica LBSA na Fototeca Memória da UFPEL

Através da organização dos acervos institucionais, torna-se possível a busca de referências que comprovam fatos históricos ou características de indivíduos, registrados e preservados nos conjuntos documentais. Assim, a sistematização de documentos é importante como meio de contribuir para a manutenção e conservação dos registros culturais, bem como de atender as necessidades coletivas.

Documento arquivístico: Informação registrada, independente da forma ou do suporte, produzida ou recebida no decorrer das atividades de uma instituição ou pessoa, dotada de organicidade, que possui elementos constitutivos suficientes para servir de prova dessas atividades. (CASTRO; CASTRO; GASPARIN, 2007, p. 70)

Observa-se que a fotografia está cada vez mais presente nos acervos de bibliotecas, arquivos, acervos museológicos, coleções privadas ou públicas. De acordo com Mello (1998, p. 1) o registro fotográfico é um documento relevante a ser preservado devido ao seu conteúdo informacional para os pesquisadores, documentalistas e para as pessoas em geral. Tal observação pode destacar a atenção dada ao acervo objeto deste estudo.

O conjunto acervístico da extinta indústria Laneira Brasileira Sociedade Anônima foi doado em maio de 2010 à Fototeca Memória da UFPEL. Esta surgiu em junho de 2009, como projeto de extensão vinculado ao Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG) e com a denominação de Arquivo Fotográfico Memória da UFPEL.

Em outubro de 2011, ainda como projeto de extensão continuado, vinculou-se ao Departamento de Museologia, Conservação e Restauro do Instituto de Ciências Humanas e ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, mudando seu nome para Fototeca. Inicialmente, o Arquivo pretendia funcionar como um local onde se pudessem localizar os fundos documentais fotográficos das unidades fundadoras da UFPEL. Assim, o surgimento dentro do MALG pretendia ser, unicamente, uma circunstância inicial, sem o compromisso de que a documentação fosse tratada como acervo museal. No entanto, ao longo do ingresso das coleções, a forma que estes conjuntos apresentavam indicaram a impossibilidade de que fossem tratados como fundos, justamente por faltar-lhes a organicidade da origem. Concomitante a isso, surgiu a proposta do Museu da UFPEL, no qual as coleções poderiam ser tratadas como acervo museal e reforçariam a função memorial da origem desta universidade, juntamente com o restante do acervo. Esta alteração partiu do estudo dos conceitos de arquivo, museu e conservação fotográfica, buscando compreender em que situação o tratamento da imagem contemplaria com maior coerência a origem dos conjuntos²⁸. Assim, optou-se por manter a forma da documentação, o arranjo em coleções e a organização de um setor que poderá, no futuro, estar incorporado a este Museu.

No presente, a Fototeca²⁹ tem entre os seus objetivos o recolhimento, a sistematização e o tratamento de coleções fotográficas, a partir dos princípios da documentação museológica; e, como meta, a disponibilização das informações sobre as coleções sistematizadas ao público, que podem ser encontradas na página da Fototeca³⁰ ou, conforme a coleção, no catálogo publicado em mídia digital.

A coleção fotográfica Laneira Brasileira S. A. (LBSA) é formada até o momento por duzentas e trinta e nove fotos, positivo em papel, processo gelatina revelada e processo colorido³¹, de tamanhos variados e em bom estado de

²⁸O estudo que levou a esta mudança está registrado no trabalho monográfico Acervo fotográfico em arquivo e museu: um estudo de caso no Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora e no Arquivo Fotográfico Memória da Universidade Federal de Pelotas, desenvolvido por Renata Cardozo Padilha como trabalho de conclusão do Curso de Museologia, em 2011, sob orientação da Professora Francisca Ferreira Michelin.

²⁹Atualmente a Fototeca está localizada na rua Gonçalves Chaves n.º 660, centro de Pelotas, coordenada pela professora Francisca Ferreira Michelin e composta pelas seguintes coleções: Marina de Moraes Pires, Escola de Belas Artes, Faculdade de Agronomia, Faculdade de Odontologia, Clínica Campos Langlois, Faculdade de Ciências Domésticas e Laneira Brasileira S. A.

³⁰<<http://www.ufpel.edu.br/ich/arquivofotografico/>>

³¹Descrição conforme Pavão, 2004.

conservação. Muitas estavam anexadas em álbuns (Figuras 41 e 42) ou em papéis referentes à documentação (Figura 43) e outras se encontravam avulsas.



Figura 41- Imagem dos álbuns fotográficos da Coleção LBSA.
Fonte: Autora, 2010.



Figura 42- Folha de um dos álbuns da Coleção Laneira Brasileira S. A.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

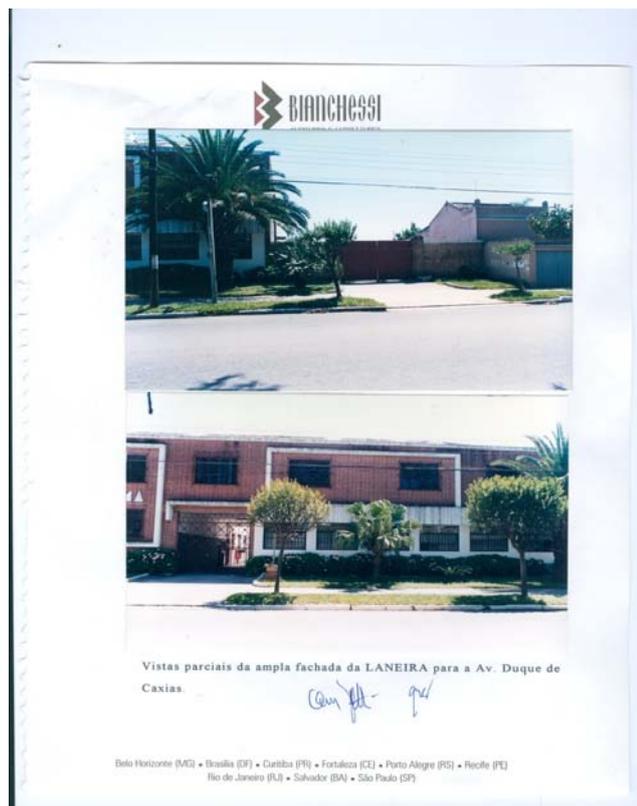


Figura 43- Fotografias anexadas em documento de papel.

Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

A metodologia utilizada para a sistematização dos acervos que compõem a Fototeca segue as orientações do professor português Luis Pavão (2004), responsável pelo setor de Conservação do Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa e de outros autores que abordam as práticas de organização e de preservação de arquivos fotográficos através dos seguintes procedimentos metodológicos: observação da coleção, inventário preliminar, plano de tratamento, higienização, digitalização-reprodução, catalogação, indexação.

A partir dos procedimentos citados acima, os registros fotográficos da Laneira foram primeiramente analisados; em seguida, foi preenchida uma ficha de organização da coleção com alguns itens que já tinham sido realizados, como: a avaliação, a observação e o pré-inventário e a segregação de espécies instáveis³². Também foi realizada a limpeza mecânica de todo o conjunto.

³²De acordo com Pavão (2004), consideram-se “espécies instáveis” os exemplares fotográficos com evidentes perdas de suporte, emulsão, ataque de microorganismos ou processos deletérios notadamente identificados.

A segunda etapa consistiu na desmontagem dos álbuns e a retirada das fotografias dos mesmos e dos documentos em papel para a digitalização e o posterior tratamento e acondicionamento correto³³.

O próximo passo foi organizar as imagens mantendo a procedência conforme transpareciam no conjunto recebido pela Fototeca. Para isso, a coleção foi subdividida em álbuns ou temáticas, atribuindo-se a cada registro fotográfico um código correspondente à subcoleção que pertence, tipologia, álbum ou temática e número sequencial, exemplo: LBSA.F.A1.001, LBSA.F.A1.002³⁴, ...

Posteriormente, realizou-se o preenchimento da ficha catalográfica com os dados e características de cada fotografia (Anexo 2). Foi observado que havia poucas informações referentes às imagens, principalmente nas fotos mais antigas em preto e branco.

No momento seguinte, a pesquisa buscou contextualizar este conjunto. Assim, no intuito de conhecer mais sobre o entorno e a própria fábrica que se deixava vislumbrar pelos recortes fotográficos e com o propósito de complementar os dados catalográficos, apurando os fatos relacionados pelas imagens, procuraram-se depoentes. Assim, as imagens foram apresentadas a quatro ex-funcionários da indústria³⁵ e para a filha de um dos ex-diretores, a qual contribuiu com a doação de algumas fotografias³⁶.

Por fim, efetuou-se: um inventário mais amplo da coleção fotográfica, no qual consta a subdivisão da coleção, a quantidade de imagens que compõe cada subconjunto, bem como uma avaliação geral dos registros e do seu estado de conservação (Anexo 3). Optou-se também pela elaboração de um inventário sumário, em que cada fotografia, dentro de sua subcoleção, foi descrita

³³A manutenção ou não do álbum é escolha do conservador. Os critérios empregados neste caso para a retirada das fotografias destes álbuns foram: 1. O comprometimento à conservação física do exemplar; 2. A importância informacional contida nos álbuns; 3. A evidente organicidade dos álbuns com a história da fábrica; 4. O registro de origem. Considerando-se o prejuízo que as fotografias vinham sofrendo por estarem nestes suportes e a falta de informação contidas nos mesmos, optou-se pela retirada.

³⁴As coleções organizadas na Fototeca recebem um código alfanumérico, o qual faz referência à identificação da coleção e de cada um de seus exemplares dentro do arquivo, como no caso: *LBSA* (Laneira Brasileira S. A.), *F* (Fotografia), *A1* (Álbum 1), *001* (nº de sequência da imagem).

³⁵Sr. Gerônimo Borba Leivas, ex-funcionário do setor de enfardagem, trabalhou em torno de quarenta e três anos na indústria.

Sr. Elmo Vieira da Silva, ex-contabilista e diretor, trabalhou na indústria por mais de quarenta anos.

Sr. Marco Aurélio Costa foi chefe do setor de fiação entre os anos de 1990 a 2003.

Ana Lucia Silva Pinto trabalhou como operadora de máquina na década de 1990 a 1995.

³⁶Márcia Abreu, filha do ex-contador e diretor gerente da Laneira, Sr. Balthazar Aguiar de Abreu.

sucintamente pela atribuição de um título conforme sua identificação ou por aquilo que pôde ser observado em seu suporte. (Anexo 4)

O campo *data* do inventário sumário não foi totalmente preenchido, devido à imprecisão do período em que ocorreram determinados eventos ou por não terem sido identificados pelos ex-funcionários, assim como o campo *localização*, pela mesma razão.

Além das fotos, o acervo LBSA na Fototeca é composto por originais e cópias de documentos da compra e venda de imóveis (Figura 44), notificações e hipotecas, contrato de trabalho (Figura 45), laudo avaliativo da fábrica, plantas arquitetônicas, do setor de tops e das instalações elétricas³⁷. (Figura 46)

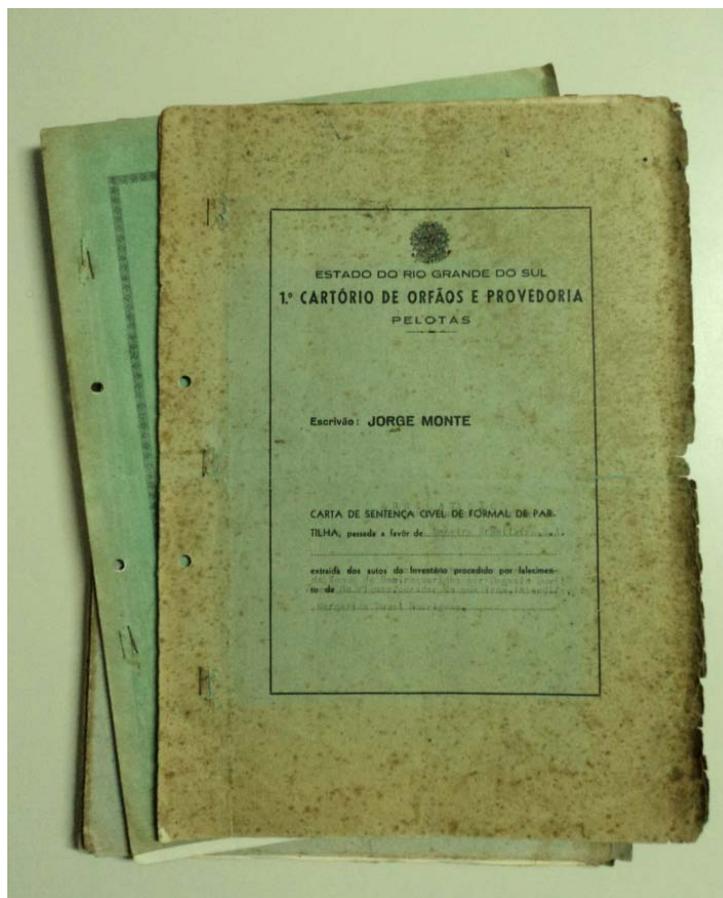


Figura 44- Documentos de compra e venda de imóveis.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

³⁷Descrição dos documentos no Anexo 5.

Futuramente, as imagens sistematizadas em subcoleções e as informações coletadas serão indexadas no banco de dados da Fototeca, conjugando-as aos demais documentos.

3.1.1 Subcoleções fotográficas Laneira Brasileira S. A.

Com a realização dos procedimentos que se voltam para a preservação e o tratamento dos documentos fotográficos, foi possível organizar a coleção LBSA para um melhor conhecimento do acervo e de algumas das fases que caracterizaram essa antiga indústria de lã no município de Pelotas, correspondendo à seguinte divisão:

Álbum 01- registros referentes a diversas temáticas da indústria, como a apreensão de mercadoria roubada, o trabalho fabril e o maquinário. (Figuras 47 e 48)



Figura 47- Apreensão de lã roubada, fotografia PB, s/ data.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

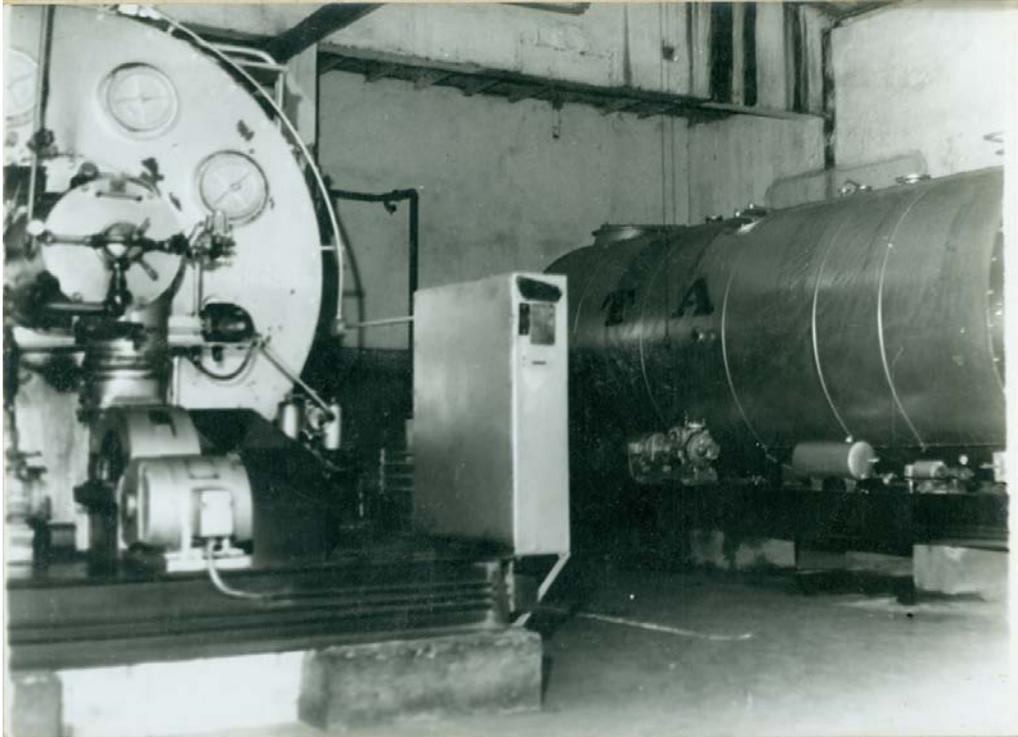


Figura 48- Caldeiras ATA, fotografia PB, s/ data.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Álbum 02- imagens fotográficas sobre diversas temáticas da indústria, como a inauguração do refeitório, os setores da fábrica, confraternizações e vistas parciais da fachada da indústria. (Figuras 49 e 50)



Figura 49- Escritório de pesagem de lã, fotografia PB, s/ data.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL



Figura 50- Inauguração do refeitório - funcionários, fotografia PB, década de 1950.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Álbum 03- imagens fotográficas a respeito do Lanifício do Rio Grande do Sul Thomaz Albornoz e suas propriedades, sócio majoritário da Laneira Brasileira na década de 1970. (Figuras 51 e 52)



Figura 51- Vista parcial da fachada do Lanifício T. Albornoz, fotografia cor, s/ data.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL



Figura 52- Estância do Refúgio, fotografia cor, década de 1980.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Álbum 04- fotografias referentes à Semana de Prevenção de Acidentes do Trabalho do ano de 1984. (Figuras 53 e 54)



Figura 53- Palestra, fotografia cor, 1984.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL



Figura 54- Confraternização - funcionárias, fotografia cor, 1984.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Desporto- imagem sobre o time de futebol Grêmio Atlético Laneira. (Figura 55)



Figura 55- Grêmio Atlético Laneira, fotografia PB, s/ data.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Eventos- imagens sobre diferentes eventos da indústria. (Figura 56 e 57)



Figura 56- Cabanha São Francisco – Premiação, fotografia PB, 1960.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL



Figura 57- Formatura – Turma de Corte e Costura, fotografia PB, s/ data.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Expofeira- registros referentes à participação do Lanifício T. Albornoz e Laneira Brasileira S. A., na Expofeira de 1992, em Pelotas. (Figuras 58 e 59)



Figura 58- Estande de produtos, fotografia cor, 1992.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL



Figura 59- Estande de produtos, fotografia cor, 1992.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Laudo de Avaliação- registros referentes ao documento de avaliação da indústria Laneira e suas propriedades. (Figuras 60 e 61)



Figura 60- Escritório, fotografia cor, 1994.

Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL



Figura 61- Pavilhão central - estoque, fotografia cor, 1994.

Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Maquinário- fotografias referentes às máquinas utilizadas no beneficiamento da lã. (Figuras 62 e 63)



Figura 62- Máquina de cardagem de lã, fotografia PB, s/ data.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL



Figura 63- Máquina antiga de cardagem de lã, fotografia PB, s/ data.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Prédio- fotografias da indústria de diferentes ângulos. (Figuras 64 e 65)



Figura 64- Vista parcial da fachada da Laneira, fotografia cor, 1978.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL



Figura 65- Vista parcial dos fundos da Laneira, fotografia cor, 1978.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Transporte- imagens sobre o carregamento e transporte dos fardos de lã para exportação. (Figuras 66 e 67)



Figura 66- Carregamento de fardos de lã, fotografia PB, s/ data.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL



Figura 67- Transporte de fardos de lã, fotografia PB, s/ data.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Através do resultado obtido com a sistematização das imagens, produziu-se um catálogo, em mídia eletrônica, da *Coleção Fotográfica LBSA* (Apêndice), no qual as imagens se fazem disponíveis ao consulente, bem como outros dados de interesse mais recorrente.

Com o catálogo pronto, foi possível realizar a exposição *Memória de Fábrica: A Laneira Brasileira S. A.* (Anexo 6) ocorrida de 29 de março a 13 de abril de 2012, no próprio espaço da indústria, na qual foram expostas as fotografias e demais objetos que irão compor o Memorial. E, por fim, a disponibilização das fotografias digitalizadas no site da Fototeca.

A realização destes três produtos mostra o quanto foi relevante o uso da fotografia como fonte documental e suporte de memória para o resgate dos fatos que compõem a história da Laneira.

3.2 Fotografia: Suporte para a memória da Laneira Brasileira S. A.

As imagens fotográficas são representações visuais nas quais se podem flagrar fragmentos do passado. Nestas imagens visualizam-se apenas uma parte dos contextos apresentados/discutidos. Para alguém que conheceu o contexto ou viveu as situações representadas nas imagens, o encontro com elas pode operar como um estímulo para a memória pelo qual se pode reportar à determinada época ou situação que está sendo apresentada.

Assim, ao serem observados e organizados, os registros fotográficos da extinta Laneira Brasileira remetem aos instantes interrompidos, selecionados e construídos por um olhar sobre a rotina do trabalho fabril e dos indivíduos que participaram da trajetória dessa indústria.

As imagens apresentam as diversas relações entre padrões *versus* empregados, empregados *versus* empregados, técnicas de produção de lã, funcionamento de máquinas, comemorações; enfim, ações partilhadas que interligam as memórias desse grupo.

A seguinte fotografia (Figura 68) retrata um momento da confraternização entre as funcionárias quando da inauguração do refeitório da fábrica, na década de 1950.

Observa-se, nesta imagem, como a maioria das retratadas é jovem. A tomada da fotografia indica que o espaço deste refeitório era pequeno, desprovido de

decoração. O ângulo de tomada é vacilante e desequilibrado, sugerindo que tanto o equipamento como o fotógrafo poderiam não ser profissionais. As moças do quadro não estão, aparentemente, com as roupas que utilizavam no trabalho fabril, mesmo assim, poucos itens (roupas e acessórios) indicam que a fotografia foi tomada na década de 1950. Até os penteados, que neste e em outros períodos, foram muito característicos, são suavemente percebidos. Há, portanto, ausência de indícios de que estas mulheres frequentavam espaços de serviços de embelezamento, possuíam roupas e objetos de uso pessoal que estavam na moda naquele momento, referências visuais que, na sua ausência, indicam a condição operária destas mulheres. Nesta fotografia não há um conteúdo no qual se possa ler que a cena ocorre na fábrica. Sabe-se pelo contexto da imagem. Mas, se por um lado, esta incapacidade enunciativa da fotografia a faz um documento relativo, por outro, com breve informação (evento, local, ano), a imagem adquire voz e narra, com alguma convicção, neste caso, a condição existencial deste grupo de mulheres. Com poucos dados, esta fotografia parece encontrar, para os olhos do espectador, o passado.



Figura 68- Inauguração do refeitório - funcionárias, fotografia PB, década de 1950.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Atualmente, ao se retornar para o espaço, no qual se localizava o refeitório, o que se observa através da Figura 69 é um cenário bem diferente, marcado pelo vazio e pelo contraste das transformações ocasionadas pelo tempo e pela própria história da Laneira. Este vazio, tomado em outro ângulo, no presente, em que a fábrica já não mais existe, faz conjecturar que a fotografia não é uma imagem do passado, mas uma imagem para o futuro, uma espécie de profecia do fim.



Figura 69- Antigo espaço do refeitório da Laneira Brasileira.
Fonte: Autora, 2011.

Do mesmo modo, o registro da Figura 70 apresenta em seu conteúdo parte da área da lavanderia de lã e alguns dos funcionários em meio às suas respectivas atividades nesse setor. Imagem que, conforme a datação encontrada, foi realizada há menos de duas décadas, mas já em um momento no qual se estava estabelecendo o irreversível processo de falência.



Figura 70- Lavanderia de lã, fotografia cor, 1994.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Já a imagem (Figura 71) traz em seu recorte apenas os vestígios do mesmo local em que estava instalada uma das máquinas para a lavagem da lã. Os indícios do trabalho que aí se realizava são tênues, só perceptíveis para os que dominam o processamento da matéria-prima. O abandono, a destruição e os restos das instalações, mesmo com pouca informação agregada, traduzem o sentido da falência e inatividade.



Figura 71- Antigo setor da lavanderia de lãs da Laneira Brasileira.
Fonte: Autora, 2011.

A representatividade das cenas dessas imagens destacam momentos distintos da descontração das funcionárias em comemoração e do trabalho operário, contrapondo-se ao vazio e às ruínas da fábrica. Isso devido à leitura que as fotografias permitem fazer, nas quais o espectador é conduzido a partilhar desses instantes pela pausa e o olhar dos funcionários que fitam a câmera durante a captura da imagem e pela visualização dos resíduos remanescentes destes mesmos locais.

Além disso, as fotografias refletem a ocupação do espaço através das ações efetivadas pelo grupo de trabalhadores no período de desenvolvimento da fábrica em oposição ao declínio da mesma, caracterizado, nas imagens, pela inatividade do local.

Com isso, pode-se estabelecer uma relação de presença-ausência, de presente-passado e de memória-esquecimento, características intrínsecas dos registros fotográficos ao apontarem para as transformações do tempo e do espaço.

Segundo Séren (2002, p. 21), a fotografia substitui uma imagem perdida da realidade vivenciada, assim como substitui a memória interna de um indivíduo, indo além da experiência do real.

Sistema de representação visual, a imagem fotográfica traz a sensação de ausência, de algo que passou, mas ao mesmo tempo ela conforta pela sensação de presença, de reviver o instante perdido trazido à tona pelas lembranças que as imagens suscitam na memória.

A fotografia torna-se, assim, um suporte para a memória, ganhando sentido e valor por aquilo que ela possibilita apreender de sua representação visual, interagindo com as lembranças e as emoções do indivíduo retratado dentro de seu grupo social.

Desta forma, destaca-se, também, que muitos dos funcionários desenvolveram-se profissionalmente ao longo do funcionamento da Laneira Brasileira, como o Sr. Elmo Vieira da Silva, ex-contabilista e diretor da indústria e o Sr. Gerônimo Borba Leivas, que foi responsável pelo setor de enfardagem.

A imagem (Figura 72), refere-se ao evento de inauguração do refeitório da fábrica, nos anos de 1950, na qual o Sr. Elmo (sexta pessoa em primeiro plano, da esquerda para a direita), aparece bem jovem junto aos demais diretores e funcionários.



Figura 72- Inauguração do refeitório, fotografia PB, década de 1950.

Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Na cena da Figura 73, observa-se no lado esquerdo da fotografia um pequeno grupo de funcionárias e no primeiro plano o Sr. Elmo entregando a premiação do Concurso de Frases e Cartazes à enfermeira da indústria durante a realização da Semana de Prevenção de Acidentes do Trabalho, no ano de 1984.



Figura 73- Concurso de Frases e Cartazes – Premiação, fotografia cor, 1984.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

A Figura 74 mostra alguns dos operários da Laneira Brasileira verificando as bolsas de lã que haviam sido roubadas da indústria; entre esses operários encontra-se o Sr. Gerônimo Borba Leivas (oitava pessoa da esquerda para a direita), ainda jovem, participando dessa operação.

Num outro momento (Figura 75), visualiza-se o Sr. Gerônimo (primeira pessoa da esquerda para a direita) ganhando o prêmio pela vitória da equipe de Prensa no Torneio de Futebol de Salão, ocorrido em 1984, na Semana de Prevenção de Acidentes do Trabalho.



Figura 74- Verificação das bolsas de lã apreendidas, fotografia PB, s/ data.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL



Figura 75- Final do torneio de Futebol de Salão - Premiação, fotografia cor, 1984.
Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Essas imagens são as referências do tempo, dos fatos que aconteceram no percurso da extinta indústria, assim como são referências para a memória individual e coletiva das pessoas que conviveram nesse espaço fabril, como o exemplo do Sr. Elmo e do Sr. Gerôncio, que trabalharam na Laneira por mais de quarenta anos.

As fotos mostram as pessoas incontestavelmente presentes *num lugar* e numa época específica de suas vidas; agrupam pessoas e coisas que, um instante depois, se dispersaram, mudaram, seguiram o curso de seus destinos independentes. (SONTAG, 2004, p. 85)

As fotografias apontam para as transformações do cotidiano e para as situações que foram esquecidas pela memória, oportunizando a reconstrução dos acontecimentos históricos experienciados por distintos grupos, através da recordação que as imagens provocam.

A fotografia narra e reflete o sentimento da perda, do temor das rupturas, dos distanciamentos, do não retorno, do que ficou passado, dos ausentes, do que se quer esquecer, mas não por muito tempo; por isso, está (res)guardada (num baú, numa caixa de sapatos, num álbum, nas gavetas, no porão da casa, nos arquivos de metal...), pronta para permitir aproximar simbolicamente tempos, situações, imaginários do e no cotidiano (revelados e ocultos). (TEDESCO, 2011, p. 150)

Por isso, os registros fotográficos correspondentes ao contexto industrial da Laneira são testemunhos visuais de representação dos ideais e do trabalho específico de uma época partilhado por esse grupo, os quais convidam para a leitura e reelaboração dos aspectos a respeito de seu período de produtividade.

É através da leitura visual, característica do objeto fotográfico, feita pelo espectador, que a imagem passa a ter sentido, independente do contexto espaço-temporal em que essa se encontra, pois a cena apresentada pela imagem fotográfica permite imaginar para além dela, reinterpretando-a de diversas maneiras.

[...] como toda a forma de arte e de literatura, como todo o texto, a imagem fotográfica só existe plenamente se for investida por um leitor que lhe dê uma interpretação, operando desta maneira, uma *re-criação*, uma *re-escritura*. Tal valor agregado é igualmente tributário de um contexto no qual a fotografia é olhada e lida. Uma mudança de contexto equivale a uma mudança de interpretação e de leitura. (PRIORE, 2005, p. 28)

Didi-Huberman (2004) também enfatiza que a fotografia tem um duplo sentido, que leva a uma leitura simples e ao mesmo tempo complexa, pois a imagem apresenta apenas uma cena, instantes que problematizam o que está sendo visto e

não a realidade total dos fatos. Faz-se necessário imaginar, partindo da leitura e dos dados que as imagens proporcionam, na tentativa de interpretar o que elas revelam e silenciam de uma realidade.

Desta forma, a Coleção Fotográfica LBSA, instiga à investigação para o levantamento de informações e o reconhecimento dos fatos e das pessoas que construíram a identidade desse local, tornando-se material relevante para a preservação da memória visual dessa fábrica; assim como o cruzamento dessas imagens com os demais documentos para a constituição do Memorial da Laneira.

Considerações Finais

A carta de Nizhny Tagil, elaborada durante a reunião do *The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage* (TICCIH), em julho 2003, define o patrimônio industrial como aquilo que “compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação³⁸”.

Esta definição ampla, mas não inespecífica, situa e justifica o conceito de patrimônio industrial no qual foi construído o objeto de pesquisa deste trabalho.

O patrimônio industrial, portanto, diz respeito a atividades que estão relacionadas ou respondem por profundas mudanças históricas, fundadas não apenas na interação entre o homem e a máquina, mas no desenvolvimento de processos de produção inusitados, que determinaram novos espaços de trabalho e de relações sociais. Igualmente, foram inusitados no percurso da humanidade os ambientes que se constituíram em entorno das fábricas.

Tanto na definição, como em todos os demais aspectos, a Carta de Nizhny Tagil é exemplar para o caso da extinta indústria Laneira Brasileira S. A., como exemplo de patrimônio industrial de Pelotas. Esta fábrica, que esteve em funcionamento por mais de cinquenta anos na cidade de Pelotas, contribuiu para o crescimento do município, através das atividades do beneficiamento da lã.

³⁸Disponível em:<<http://www.mnactec.cat/ticcih/pdf/NTagilPortuguese.pdf>> Acesso em: 16 jan 2012.

O que aconteceu a esta indústria não difere de outros ambientes fabris, que por vários fatores tiveram seus percursos desconfigurados com o passar do tempo, restando apenas suas ruínas e as lembranças daqueles que um dia participaram de sua trajetória. Mas esta observação a faz exemplar, tornando evidente o seu compartilhamento com um conjunto espalhado em todo o Brasil, que na imponência do abandono (no geral, constituem vastos espaços em amplos terrenos) ficam silenciados pela destituição de qualquer valor sobre o que lhes resta materialmente.

A compra dessa antiga indústria pela Universidade indica que pode estar ocorrendo um momento de ressignificação de tais ambientes. Incorporá-lo a uma instituição de ensino pode, igualmente, indicar um novo pensamento, talvez a possibilidade de uma nova percepção sobre estes espaços.

Ao olhar-se para a Laneira, como um lugar visível, pelos traços imponentes da arquitetura que ainda permanecem na paisagem, e ao mesmo tempo para sua inatividade, remete-se a uma época que não existe mais, mas que se tenta reavivar através da imaginação, tentando dar sentido aos elementos que compuseram esta fábrica e as atividades que a caracterizaram. Além disso, seus resíduos apontam para as mudanças do tempo, do trabalho fabril referente à industrialização da lã e da comunidade pelotense. Há, na presença deste espaço, um testemunho sobre ações das pessoas que gerenciavam e trabalhavam neste local. Cada objeto ou documento remanescente opera, na atualidade, como fragmento de um percurso abandonados. São, portanto, materiais que contribuem para o entendimento de histórias de vida, dos ideais, e valores que identificam os distintos grupos sociais.

Desta forma, os vestígios salvos no processo de liquidação dos bens da Laneira contribuem para o reconhecimento de sua história e dos indivíduos que ali se constituíram, preservando-se assim a identidade e a memória dos mesmos.

A fotografia, material fonte desta pesquisa, possibilita, por meio de seu conteúdo, visualizar instantes das operações efetivadas pelas pessoas, tanto de maneira pessoal, quanto coletiva. Com isso, a imagem fotográfica faz-se um recurso visual e de representação da cultura humana, pelas características intrínsecas de seu resultado material, passível de viabilizar a apreensão de determinada interpretação de uma realidade, flagrada conforme as intenções de quem a retrata.

Ressalta-se, também, o valor da imagem fotográfica como artefato resultante dos processos da Revolução Industrial, a qual evoluiu concomitantemente por meio de novos equipamentos e materiais, não deixando de se destinar a uma de suas

funções, a de capturar e eternizar instantes do real. Essa função indica a passagem e as mudanças espaços-temporais da humanidade, tornando o registro fotográfico um patrimônio de expressão cultural.

Os procedimentos para a realização da sistematização da Coleção Fotográfica LBSA foram fundamentais para o começo da investigação histórica sobre a referida indústria, pois, por meio das imagens, observaram-se vestígios do trabalho voltado para o processamento da lã, vestimentas, eventos, maquinários, operários, diretores, entre outros aspectos a respeito da rotina desse contexto fabril.

Indícios visuais que ganharam sentido através da releitura e reinterpretação desses artefatos ao serem identificados pelas lembranças das vivências, suscitadas pela visualidade da fotografia na memória dos ex-funcionários.

Pode-se, então, entender que o registro fotográfico serve como um suporte para a memória, ao trazer à tona fatos e experiências dos indivíduos em meio ao seu grupo de convívio, através das recordações que as fotografias proporcionam para a reconstrução dessas experiências e das concepções de um passado reatualizado no presente.

Assim, também se constata nas fotografias da antiga indústria, o contraponto visual que as imagens permitem fazer dos diferentes períodos de pleno trabalho dentro desse espaço em relação à realidade de abandono ocasionado pelo declínio da fábrica, até o momento de ser adquirida pela universidade e ganhar um novo contexto.

Com os resultados da sistematização das imagens, elaborou-se o *Catálogo Fotográfico da Coleção Laneira Brasileira S. A.*, em mídia eletrônica, o qual apresenta as fotografias identificadas em suas respectivas subcoleções.

A exposição *Memória de Fábrica: A Laneira Brasileira S. A.*, na qual os registros fotográficos e os objetos pertencentes à fábrica foram expostos, com o objetivo de aproximar a comunidade pelotense da história e da memória desse local.

Além disso, a disponibilização das imagens e informações ao público através do site da Fototeca Memória da UFPEL.

Estas ações foram as primeiras iniciativas para o reconhecimento desse patrimônio industrial pelotense que foi significativo para uma época e que abre a possibilidade para novas pesquisas, dando continuidade a investigação histórica a seu respeito, visto que há pouco material referente ao trabalho fabril e a trajetória da fábrica na cidade.

Por fim, ressalta-se que a recuperação e a organização dos artefatos materiais da referida indústria contribuem para a preservação dos mesmos e que, ao serem conjugados, fotografias, objetos e documentos escritos, esses colaborarão para a constituição do futuro Memorial da Laneira, preservando, assim, a memória identitária desse grupo fabril.

Referências

ANICO, Marta. A Pós-Modernização da Cultura: Patrimônio e Museus na Contemporaneidade. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 71-86, 2005.

ARÉVALO, Javier Marcos. La tradición, el patrimonio y la identidad. **Revista de Estudios Extremeños**, v. 60, n. 3, p. 925-956, 2004. Disponível em: <http://biblioteca.crespial.org/descargas/tradicion_patrimonio_e_identidad.pdf> Acesso em: 20 maio 2010.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papirus, 1993.

BARCELLOS, Jorge. **O Memorial como Instituição no sistema de museus: Conceitos e práticas na busca de um conteúdo**. 1999. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/camarapoa/usu_doc/concmemor.pdf> Acesso em: 14 jul 2011.

BECK, Ingrid. **Manual de conservação de documentos**. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1985.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

BRAGHIROLI, Ângelo. **O Patrimônio Industrial e os Novos Paradigmas da Preservação**. Disponível em: <<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=DownloadDetalhesAc&item=28506>> Acesso em: 11 jan 2012.

BURGI, Sergio. **Organização e Preservação de Acervos Fotográficos**. Rio de Janeiro, Instituto Moreira Salles, 2001.

_____. **Introdução à Preservação e Conservação de Acervos Fotográficos-Técnicas, Métodos e Materiais.** Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao01/materia02/conservacao_de_colecoes.pdf> Acesso em: 15 jun 2010.

Carta de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial, TICCIH, 2003. Disponível em: <<http://www.mnactec.cat/ticcih/pdf/NTagilPortuguese.pdf>> Acesso em: 16 jan 2012.

CARVALHO, Márcio Dillmann de. **O Patrimônio Industrial Urbano na cidade de Pelotas.** Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica – CNPq. Pelotas: UFPEL, 2011.

CASTRO, Astréa de Moraes e; CASTRO, Andresa de Moraes e; GASPARIN, Danuza de M. e C. **Arquivos Físicos e Digitais.** Brasília: Ed. Thesaurus, 2007.

CIAVATTA, Maria. **O Mundo do Trabalho em Imagens: A Fotografia como Fonte Histórica (Rio de Janeiro, 1900 – 1930).** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 11-16.

DID-HUBERMAN, Georges. En el ojo mismo de La historia. In: _____. **Imágenes pese a todo.** Barcelona, 2004, p. 55-79.

DIETRICH, Ana Maria. História Oral e Fotografia: desafios metodológicos. **Revista de História Contemporânea**, n. 1, nov./abr. 2008. Disponível em: <<http://www.revistacontemporaneos.com.br>> Acesso em: 5 jun 2011.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios.** Campinas: Papyrus, 1994.

ESSINGER, Cíntia Vieira. **BICHO DA SEDA: o espaço dos operários das fábricas de fiação e tecelagem em Pelotas.** 2007. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/IV%20Jornada%20GT%20Mundos%20do%20Trabalho/completos/Cintia_Essinger.pdf> Acesso em: 28 jun 2010.

EVANGELISTA, Rafael. De arqueologia a patrimônio. **Revista Eletrônica do IPHAN.** Disponível em: <<http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=171>> Acesso em: 15 ago 2011.

FERREIRA, Aline de Aléssio. Organização e Tratamento Técnico do Acervo Fotográfico do Centro de Referência para Pesquisa Histórica em Educação. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, São Paulo, v. 4, n. 1, 2004. Disponível em:

<<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/viewFile/67/69>> Acesso em: 7 maio 2010.

FERREIRA, Leticia Mazzuchi. Patrimônio industrial: lugares de trabalho, lugares de memória. **Revista Museologia e Patrimônio**, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.22.br/index.php/ppgpmus>> Acesso em: 5 dez 2011.

FRANGE, Lucimar Bello Pereira. Arte e Leitura de imagens – Considerações. **Revista Univille**, v. 10, n. 1, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

Fundição Real Fábrica de Ferro São João do Ipanema. Iperó – SP, 1884. Disponível em: <<http://gazetaimperial.blogspot.com/2010/05/real-fabrica-de-ferro-sao-joao-do.html>> Acesso em: 13 jan 2012.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Os lugares de memória. In: **Memória, Patrimônio e Identidade**. Ministério da Educação, 2005, p. 37-43.

IMPERATO, Ferrante. **Gabinete de curiosidades**. Nápoles, 1599. Disponível em: <<http://www.encyclopediavisual.blogspot.com/2009/12/gabinetes-de-curiosidades.html>> Acesso em: 9 set 2011.

JONES, Andrew. From Memory to Commemoration. In: _____. **Memory and Material Culture**. Cambridge: Cambridge U. P., 2007, p. 27-46.

JULIÃO, Letícia. **Apontamentos sobre a História dos Museus. 2000**. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/sbm/.../cadernodiretrizes_segundaparte.pdf> Acesso em: 19 jul 2011.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Os Tempos da Fotografia: O Efêmero e o Perpétuo**. 1ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

_____. **Realidades e Ficções na trama fotográfica**. 3ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Patrimônio industrial: algumas questões em aberto. **Revista Eletrônica de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu**, n. 3, 2010. Disponível em: <http://www.usjt.br/arq.urb/numero_03/3arqurb3-beatriz.pdf> Acesso em: 12 ago 2011.

LONER, Beatriz Ana. UFPel: um breve histórico. In: MAGALHÃES, Mario Osorio. **UFPel: 30 anos**. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 1999. p. 29-48.

LOSEKANN, Silvana. Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 26, n. 51, p. 1-8, 2009.

MAGALHÃES, Mario Osorio. **UFPel: 30 anos**. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 1999.

MARCONDES, Marli. **Conservação e Preservação de Coleções Fotográficas**. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edição01/materia02/> Acesso em: 21 ago 2010.

MARTINS, R. Educação e Poder: deslocamentos perceptivos e conceituais da cultura visual. In: **A Formação do Professor e o Ensino das Artes Visuais**. Santa Maria: Editora UFSM, 2005, p.133-145.

MELLO, Márcia. Conservação Preventiva – o caso fotográfico. In: XII CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, 1998, Paraíba. **Anais do XII Congresso Brasileiro de Arquivologia**, Paraíba, 1998.

MELLO, Márcia; PESSOA, Maristela- **Manual de Acondicionamento de Material Fotográfico**. Rio de Janeiro: FUNARTE/IBAC, 1994.

Mercado Central. Paris, 1944 – 1945. Disponível em: <http://saintsulpice.unblog.fr/tag/photographie-sulpicienne/paris-dantan/page/10/> Acesso em: 12 jan 2012.

MONTOYA, Joaquín Ibáñez. **Los Archivos – cómo construirlos**. Gijón: Ediciones Trea, 2006.

MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim de; SCHLEE, Andrey Rosenthal. **Bibliografia: 100 Imagens da Arquitetura Pelotense**. 1ª ed. Pelotas: Pallotti, 1998.

MUSTARDO, Peter; KENNEDY, Nora. **Preservação de fotografias: métodos básicos para salvar suas coleções**. Cadernos técnicos de conservação fotográfica, n. 2, Rio de Janeiro, Funarte, 1997.

NOCCHI, Enio Del Geloso. **Os efeitos da crise da lã no mercado internacional e os impactos sócio-econômicos no município de Santana do Livramento/RS-BRASIL. 2001. 87f**. Dissertação (Mestrado em Integração e Cooperação Internacional) – Argentin Centro de Estudios em Relaciones Internacionales de Rosário, Universidad Nacional de Rosário, Argentina.

NORA, Pierre. Entre Memória e História – A problemática dos lugares. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História** da PUC – SP, n. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>> Acesso em: 17 maio 2010.

ODILA, Maria. **Informação e direitos humanos: acesso às informações arquivísticas**. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> Acesso em: 14 jul 2011.

OJEDA, Janine. Homem & Realidade – O Processo Embrionário da Criação dos Museus. **Revista Museu**. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=1111> Acesso em: 20 jul 2011.

PADILHA, Renata Cardozo. **Acervo fotográfico em arquivo e museu: um estudo de caso no Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora e no Arquivo Fotográfico Memória da Universidade Federal de Pelotas**. 2011. Monografia (Curso de Museologia) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

PAVÃO, Luis. Conservação de fotografia – o essencial. In: **Cadernos Técnicos de Conservação Fotográfica**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004, p. 6-12.

PHILIPPI, Ana Cláudia; MACHADO, Cristiane Salvan. **Buscando Soluções para trabalhar o acervo físico, digital e virtual num mesmo ambiente: utilizando o software pergamum**. Disponível em: <<http://www.pergamumpucpr.br>> Acesso em: 23 abr 2010.

PLANET NEWS LTD. **Bolsa de Carvão antes da demolição**. Londres, 1962. Disponível em: <<http://www.buildingconservation.com/articles/savingacentury/savingacentury.htm>> Acesso em: 12 jan 2012.

Pórtico da Estação Euston antes da demolição. Londres, 1960. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/uknews/6223471/Euston-Arch-to-be-rebuilt-as-nightclub.html>> Acesso em: 12 jan 2012.

PRATS, Llorenç. **El Concepto de Patrimonio Cultural. Política y Sociedad**. (27), Madrid, 1998, p. 63-76.

Prédio do curso de Direito. Pelotas. Disponível em: <<http://pelotas.ufpel.edu.br/>> Acesso em: 10 jul 2011.

Prédio do curso de Turismo (antiga casa do Senador Assumpção). Pelotas. Disponível em: <<http://pelotas.ufpel.edu.br/>> Acesso em: 10 jul 2011.

PRIORE, Mary Del. A fotografia como objeto de memória. In: **Memória, Patrimônio e Identidade.** Ministério da Educação, 2005, p. 28-31.

Política Nacional de Museus – Relatório de Gestão 2003/2006 Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, Brasília, 2006.

REZENDE, Ana Paula de; SOUZA, Regina C. H. de. **Em defesa da gestão dos arquivos públicos municipais em tempos de globalização.** Disponível em: <<http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/index.php/.../14682>> Acesso em: 12 mai 2010.

RIBEIRO, Marcelo. **Campus Porto (antigo Frigorífico Anglo).** Pelotas, 2009. Disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/30012411>> Acesso em: 8 set 2011.

RODRÍGUEZ, Antonio Ángel Ruiz. **Manual da archivística.** Madrid: Editorial Síntesis, 1995, cap. 2.

SANTAELLA, Lucia. Os três paradigmas da imagem. In: SAMAIN, Etienne. **O Fotográfico.** 3ª ed. São Paulo: Hucitec / Senac, 2005. p. 296-307.

SCHELLENBERG, Theodore. **Arquivos modernos: princípios e técnicas.** 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004, p. 25-41.

SÉREN, Maria do Carmo. Em torno das grandes Questões da Fotografia. In: _____. **Metáforas do Sentir Fotográfico,** 2002, p. 19-52.

SILVA, Leonardo Mello e. Patrimônio industrial: passado e presente. **Revista Eletrônica do IPHAN,** v. 4, 2006. Disponível em: <<http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=164>> Acesso em: 15 ago 2011.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia.** 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SUEHTAM, Ihcozzam. **Antiga fábrica da Brahma.** Pelotas, 2009. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/suehtam/3718260367/>> Acesso em: 13 jan 2012.

TEDESCO, João Carlos. **Passado e presente em interfaces – introdução a uma análise sócio-histórica da memória.** Passo Fundo: Ed. UPF, 2011.

UFPel adquire imóvel da antiga Laneira Brasileira para a área da Saúde. Disponível em: <<http://ccs.ufpel.edu.br/.../ufpel-adquire-imovel-da-antiga-laneira-brasileira-para-a-area-da-saude/#more-5964>> Acesso em: 10 ago 2010.

Fontes Consultadas

LANEIRA BRASILEIRA SOCIEDADE ANÔNIMA. **Ata da Assembleia Geral realizada no dia 8 de janeiro de 1949.** Livro 1. p. 2-3.

LANEIRA BRASILEIRA SOCIEDADE ANÔNIMA. **Ata da Assembleia Geral realizada no dia 30 de abril de 1953.** Livro 1.

LANEIRA BRASILEIRA SOCIEDADE ANÔNIMA. **Ata da Assembleia Geral realizada no dia 20 de dezembro de 1977.** Livro 2. p. 41-42.

LANEIRA BRASILEIRA SOCIEDADE ANÔNIMA. **Ata de Reuniões da Diretoria n. 78 realizada no dia 28 de março de 1974.** p. 56.

LANEIRA BRASILEIRA SOCIEDADE ANÔNIMA. **Ata de Reuniões da Diretoria n. 79 realizada no dia 22 de abril de 1974.** p. 58-59.

LANEIRA BRASILEIRA SOCIEDADE ANÔNIMA. **Descrição de cargos – Departamento de Recursos Humanos,** 1984.

LANEIRA BRASILEIRA SOCIEDADE ANÔNIMA. **Documentos de Compra e Venda de Imóveis,** 1945 a 1972.

LANEIRA BRASILEIRA SOCIEDADE ANÔNIMA. **Documento de Laudo de Avaliação,** 1994.

Sites

<<http://www.icom.museum/who-we-are/the-vision/museum-definition.html>> Acesso em: 9 set 2011.

<<http://www.iphan.gov.br/>> Acesso em: 20 ago 2011.

<http://www.pelotas.com.br/cidade_historia/pelotas_historia.htm> Acesso em: 5 jun 2011.

<<http://www.pelotascultural.blogspot.com/2010/11/casarao-e-senzalas.html>> Acesso em: 23 jul 2011.

<http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=1111> Acesso em: 20 jul 2011.

<<http://www.ufpel.edu.br/ich/arquivofotografico/>> Acesso em: 20 jan 2012.

<<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/>> Acesso em: 15 ago 2011.

<<http://www.unesco.org/>> Acesso em: 5 ago 2011.

Apêndice

**Catálogo Fotográfico da Coleção Laneira Brasileira Sociedade Anônima
(em CD-ROM)**

Anexos

Anexo 1- Modelo de ficha básica de inventário dos objetos da Laneira Brasileira S. A.

 UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CURSO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO		
FICHA BÁSICA DE INVENTÁRIO		FICHA nº
1. PROCEDÊNCIA	2. CÓDIGO DO OBJETO:	3. LOCALIZAÇÃO:
4. TIPO, TÍTULO OU NOME:		
5. AUTOR: () ASSINADO () ATRIBUIDO		
6. ÉPOCA:	7. DATADO: () SIM () NÃO	ANO:
8. MATERIAL:		
9. MEDIDAS: ALTURA: LARGURA: COMPRIMENTO: PROFUNDIDADE:	ESPESSURA: PESO: DIÂMETRO MAIOR: DIÂMETRO MENOR:	CORES: OUTROS:
10. ESTADO DO OBJETO: BOM () REGULAR () RUIM ()		
11. ESTADO DE INTEGRIDADE: COMPLETO () INCOMPLETO () FRAGMENTADO () OBS:		
12. LEVANTAMENTO FEITO POR: NOME: DATA DE INÍCIO DO LEVANTAMENTO: DATA DE REGISTRO:		
13. FOTO E DESCRIÇÃO: AUTOR DA FOTO:		
		

Anexo 3- Inventário da Coleção Fotográfica Laneira Brasileira S. A. (LBSA)

I. Dados Gerais

Data de ingresso: maio de 2010

Forma de ingresso: Doação

Responsável pela doação: Massa falida Laneira Brasileira S. A.

Responsável pelo recebimento: Francisca Ferreira Michelin

Responsável pelo pré-inventário: Arita Leon Farias

Responsável pelo inventário: Chanaísa Melo

Data do inventário: 16 de dezembro de 2011

II. Descrição da coleção fotográfica

A Coleção fotográfica LBSA é composta por cento e sessenta e três (163) imagens anexadas em quatro álbuns fotográficos, um conjunto de trinta e sete (37) imagens avulsas, um conjunto de trinta e duas (32) imagens anexadas ao documento de Laudo de Avaliação da Laneira Brasileira Sociedade Anônima – Indústria e Comércio e sete cópias em papel couchê das imagens originais doadas por Márcia Abreu em junho de 2011. Totalizando duzentas e trinta e nove (239) fotografias.

III. Conferência e constituição das cotas por álbum ou temática

A constituição das cotas foi atribuída de acordo com a procedência das imagens organizadas nos álbuns.

As fotografias avulsas e as doadas em junho de 2011 foram organizadas por temáticas, conforme a tabela:

COLEÇÃO	ÁLBUM / TEMÁTICA	DESCRIÇÃO DE CADA CONJUNTO
LBSA	Álbum 01	Álbum composto por 26 páginas com 52 fotografias em PB de diferentes temáticas.
LBSA	Álbum 02	Álbum composto por 14 páginas com 29 fotografias em PB de diferentes temáticas, sendo que dessas: duas fotografias avulsas e três cópias das originais foram inseridas ao conjunto por corresponderem ao mesmo evento.
LBSA	Álbum 03	Álbum composto por 30 páginas com 57 fotografias coloridas de diferentes temáticas.
LBSA	Álbum 04	Álbum composto por 10 páginas (faltam as de número 2, 8 e 10) com 30 fotografias coloridas de diferentes temáticas.
LBSA	Desporto	Uma cópia da imagem original em PB.
LBSA	Eventos	Conjunto composto por 3 fotos PB e uma cópia da foto original colorida de 1970.

LBSA	Expofeira	Conjunto composto por 7 fotos coloridas e datadas de 1992.
LBSA	Laudo de Avaliação	Documento original (incompleto) composto por 39 páginas com 32 imagens referentes à indústria e suas propriedades.
LBSA	Maquinário	Conjunto composto por 9 fotos PB.
LBSA	Prédio	Conjunto composto por 6 fotos originais coloridas e uma cópia da foto original colorida.
LBSA	Transporte	Conjunto composto por 11 fotos PB.

IV. Avaliação do estado de conservação das fotografias

O estado de conservação é bom, a maior parte das imagens tem uma ótima legibilidade, porém algumas fotografias apresentam espelhamento de prata, perda do suporte primário e secundário, marcas de cola, sujidades, manchas de fungo e umidade, amarelecimento, algumas informações escritas no verso à caneta e carimbo.

V. Avaliação geral

A coleção fotográfica da antiga Laneira Brasileira Sociedade Anônima – Indústria e Comércio possibilita visualizar e analisar parte das atividades desenvolvidas ao longo da trajetória da fábrica.

A maioria das fotografias PB não possuem data ou uma data exata, mas provavelmente compreendam o período entre as décadas de 1950 a 1970 do século XX. E grande parte dessas imagens foram identificadas através de entrevistas realizadas com ex-funcionários da fábrica.

A maior parte das fotografias coloridas também foram identificadas por possuírem referências ou legendas sobre atividades, ano ou localidade e através das entrevistas realizadas com os ex-funcionários da fábrica. Essas correspondem ao período entre as décadas de 70 a 90 do século XX.

A organização do acervo contribuirá para a preservação da história e memória desse trabalho fabril.

Pelotas, 16 de dezembro de 2011.
Chanaísa Melo

Anexo 4- Inventário Sumário da Coleção Fotográfica Laneira Brasileira S.

A. (LBSA)

I. Dados Gerais

Data de ingresso: maio de 2010
 Forma de ingresso: Doação
 Responsável pela doação: Massa falida Laneira Brasileira S. A.
 Responsável pelo recebimento: Francisca Ferreira Michelin
 Responsável pelo pré-inventário: Arita Leon Farias
 Responsável pelo inventário: Chanaísa Melo
 Data do inventário: 16 de dezembro de 2011

II. Breve Histórico

A antiga indústria Laneira Brasileira S. A. localizada na Av. Duque de Caxias, nº 104, Bairro Fragata, constituiu-se aos poucos na cidade de Pelotas a partir de 1949. Durante mais de cinquenta anos, a fábrica teve como principal atividade a produção e comercialização de lã, contribuindo para o desenvolvimento social e econômico do município. Após sete anos de seu fechamento por falência, a UFPel no ano de 2010, adquiriu este local no intuito de abrigar novas unidades da universidade.

INVENTÁRIO SUMÁRIO DA COLEÇÃO LANEIRA BRASILEIRA SOCIEDADE ANÔNIMA – FOTOGRAFIAS

SÉRIE: ÁLBUM 1 - LBSA/A1

ITENS	TÍTULO	DATA	LOCALIZAÇÃO
1	001 Apreensão de lã roubada	1957-60?	
2	002 Apreensão de lã roubada	1957-60?	
3	003 Carregamento da lã apreendida	1957-60?	
4	004 Carregamento da lã apreendida	1957-60?	
5	005 Carregamento da lã apreendida	1957-60?	
6	006 Caminhão carregado com lã apreendida	1957-60?	
7	007 Bolsa de lã	1957-60?	
8	008 Balança de pesagem de lã	?	
9	009 Trabalhador	1957-60?	
10	010 Trabalhador	1957-60?	
11	011 Entrevista sobre a apreensão da lã roubada	1957-60?	
12	012 Ladrão preso	1957-60?	
13	013 Homem	1957-60?	
14	014 Homem	1957-60?	
15	015 Homem	1957-60?	
16	016 Ladrão	1957-60?	
17	017 Máquina de fazer tops	?	
18	018 Caldeiras ATA	?	
19	019 Caldeira primitiva	?	
20	019A Caldeira primitiva	?	
21	020 Máquina de prensar lã	?	
22	021 Depósito de fardos de lã	?	
23	022 Manutenção da Caldeira	?	
24	023 Manutenção da Caldeira	?	
25	024 Simulação de prisão	1957-60?	
26	025 Simulação de prisão	1957-60?	
27	026 Verificação das bolsas de lã apreendidas	1957-60?	
28	027 Lã apreendida	1957-60?	
29	027A Lã apreendida	1957-60?	
30	028 Setor de classificação de lã	?	

31	029 Setor de classificação de lã	?	
32	030 Setor de classificação de lã	?	
33	031 Setor de classificação de lã	?	
34	032 Setor de classificação de lã	?	
35	033 Setor de lavagem de lã	?	
36	034 Setor de lavagem de lã	?	
37	034A Setor de lavagem de lã	?	
38	035 Setor de lavagem de lã	?	
39	036 Máquina de secagem de lã	?	
40	037 Estocagem de lã	?	
41	037A Estocagem de lã	?	
42	038 Lã apreendida	1957-60?	
43	038A Lã apreendida	1957-60?	
44	039 Apreensão de lã roubada	1957-60?	
45	040 Evento - autoridades	?	
46	041 Estocagem de lã	?	
47	042 Classificação do velo de lã	?	
48	043 Máquina de cardagem de lã	?	
49	044 Máquina de cardagem de lã	?	
50	045 Máquina de cardagem de lã	?	
51	046 Maquinário de tops	?	
52	047 Máquina de cardagem de lã	?	

SÉRIE: ÁLBUM 2 - LBSA/A2

ITENS	TÍTULO	DATA	LOCALIZAÇÃO
1	001 Inauguração do refeitório	Década de 1950	
2	002 Inauguração do refeitório - funcionárias	Década de 1950	
3	003 Inauguração do refeitório - funcionários	Década de 1950	
4	004 Inauguração do refeitório	Década de 1950	
5	005 Inauguração do refeitório	Década de 1950	
6	006 Inauguração do refeitório	Década de 1950	
7	007 Inauguração do refeitório	Década de 1950	
8	008 Inauguração do refeitório	Década de 1950	
9	009 Inauguração do refeitório	Década de 1950	
10	010 Homens	?	
11	011 Pessoas	?	
12	012 Transporte de fardos	?	
13	013 Evento	?	
14	014 Evento	?	
15	015 Depósito de fardos	?	
16	016 Inauguração do refeitório	Década de 1950	
17	017 Evento – Secretário da Fazenda do RS	?	
18	018 Evento – Autoridades	?	
19	019 Evento - Autoridades	?	
20	020 Evento	?	
21	021 Sala médica	?	
22	021A Sala médica	?	
23	022 Escritório de pesagem de lã	?	
24	023 Vista parcial da fachada	?	
25	024 Vista parcial da fachada	?	
26	025 Vista parcial da fachada	?	
27	026 Vista parcial da fachada	?	
28	027 Escritório	?	
29	027A Escritório	?	

SÉRIE: ÁLBUM 3 - LBSA/A3

ITENS	TÍTULO	DATA	LOCALIZAÇÃO
1	001 Vista aérea do Lanifício Thomaz Albornoz S. A.	?	
2	002 Vista aérea do Lanifício Thomaz Albornoz S. A.	?	
3	003 Vista aérea do Lanifício Thomaz Albornoz S. A.	?	
4	004 Vista parcial da fachada do Lanifício Thomaz Albornoz S. A.	?	
5	005 Vista parcial da fachada do Lanifício Thomaz Albornoz S. A.	?	
6	006 Classificação de lã – Lanifício T. Albornoz	?	
7	007 Classificação de lã – Lanifício T. Albornoz	?	
8	008 Lavandaria de lãs - Lanifício T. Albornoz	?	
9	009 Extração de lanolina - Lanifício T. Albornoz	?	
10	010 Armazenamento de lã lavada - Lanifício T. Albornoz	?	
11	011 Máquina de cardagem de lã - Lanifício T. Albornoz	?	
12	012 Penteagem de lãs - Lanifício T. Albornoz	?	
13	013 Penteagem de lãs - Lanifício T. Albornoz	?	
14	014 Sala de amostras - Lanifício T. Albornoz	?	
15	015 Máquina de prensar de lã - Lanifício T. Albornoz	?	
16	016 Controle de qualidade - Lanifício T. Albornoz	?	
17	017 Serviço de manutenção - Lanifício T. Albornoz	?	
18	018 Depósito de bobinas de lã - Lanifício T. Albornoz	?	
19	019 Depósito de fardos de lã - Lanifício T. Albornoz	?	
20	020 Estância do Refúgio	1980?	
21	020A Estância do Refúgio	1980?	
22	021 Estância do Refúgio	1980?	
23	022 Estância Pai Passo	1980?	
24	023 Estância Pai Passo	1980?	
25	024 Estância do Cerro	1980?	
26	024A Estância do Cerro	1980?	
27	025 Estância do Cerro	1980?	
28	026 Estância do Caty	1980?	
29	026A Estância do Caty	1980?	
30	027 Estância do Caty	1980?	
31	027A Estância do Caty	1980?	
32	028 Estância Tarumã	1980?	
33	029 Estância Tarumã	1980?	
34	029A Estância Tarumã	1980?	
35	030 Estância Garupá	1980?	
36	031 Estância Garupá	1980?	
37	032 Estância Camoati	1980?	
38	033 Estância Camoati	1980?	
39	034 Estância Guarita	1980?	
40	035 Estância Guarita	1980?	
41	036 Estância Cidadela	1980?	
42	037 Estância Cidadela	1980?	
43	038 Vista aérea da Laneira Brasileira S. A.	1980?	
44	039 Vista aérea da Laneira Brasileira S. A.	1980?	
45	040 Indústria Têxtil RV Ltda.	1980?	
46	041 Indústria Têxtil RV Ltda.	1980?	
47	042 Estância Tarumã	1980?	
48	043 Estância do Refúgio	1980?	
49	044 Estância do Refúgio	1980?	
50	044A Estância do Refúgio	1980?	
51	045 Estância do Refúgio - Barragem	1980?	
52	046 Estância do Cerro	1980?	
53	047 Estância Tarumã	1980?	

54	048 Estância do Refúgio - Sede	1980?	
55	049 Estância Tarumã	1980?	
56	050 Estância do Caty	1980?	
57	051 Estância Tarumã	1980?	

SÉRIE: ÁLBUM 4 - LBSA/A4

ITENS	TÍTULO	DATA	LOCALIZAÇÃO
1	001 Semana de Prevenção de Acidentes no Trabalho	1984	
2	002 Palestra	1984	
3	003 Palestra	1984	
4	004 Torneio SPAT de Futebol de Salão - Faixa	1984	
5	005 Troféus	1984	
6	006 Mesário e secretário	1984	
7	007 Trio de arbitragem	1984	
8	008 Equipe Eletro/Mecânica	1984	
9	009 Equipe Eletro/Mecânica	1984	
10	010 Equipe Penteagem/Cardas	1984	
11	011 Equipe Penteagem/Cardas	1984	
12	012 Equipe Laboratório/Máquinas	1984	
13	013 Equipe Laboratório/Máquinas	1984	
14	014 Equipe Classificação/Triagem	1984	
15	015 Equipe Classificação/Triagem	1984	
16	016 Equipe Prensas	1984	
17	017 Equipe Prensas	1984	
18	018 Equipe Administração	1984	
19	019 Final do torneio SPAT de Futebol de Salão – Equipes	1984	
20	020 Final do torneio SPAT de Futebol de Salão - Equipes	1984	
21	021 Final do torneio SPAT de Futebol de Salão - Premiação	1984	
22	022 Final do torneio SPAT de Futebol de Salão - Premiação	1984	
23	023 Final do torneio SPAT de Futebol de Salão - Premiação	1984	
24	024 Final do torneio SPAT de Futebol de Salão - Premiação	1984	
25	025 Concurso de Frases e Cartazes - Premiação	1984	
26	026 Concurso de Frases e Cartazes - Premiação	1984	
27	027 Concurso de Frases e Cartazes - Premiação	1984	
28	028 Confraternização Funcionárias	1984	
29	029 Confraternização Funcionários	1984	
30	030 Confraternização Funcionários	1984	

SÉRIE: DESPORTO - LBSA/D

ITENS	TÍTULO	DATA	LOCALIZAÇÃO
1	001 Grêmio Atlético Laneira	?	

SÉRIE: EVENTOS (fotografias PB) - LBSA/E

ITENS	TÍTULO	DATA	LOCALIZAÇÃO
1	001 Cabanha São Francisco - Premiação	1960	
2	002 Confraternização	?	
3	003 Formatura – Turma de Corte e Costura	?	

SÉRIE: EVENTOS (fotografias Cor) - LBSA/E

ITENS	TÍTULO	DATA	LOCALIZAÇÃO
1	001 Balthazar Aguiar de Abreu	Década de 1970	

SÉRIE: EXPOFEIRA - LBSA/EF

ITENS	TÍTULO	DATA	LOCALIZAÇÃO
1	001 Funcionários	1992	
2	002 Estande de produtos	1992	
3	003 Estande de produtos	1992	
4	004 Homens	1992	
5	005 Homens	1992	
6	006 Homens	1992	
7	007 Homens	1992	

SÉRIE: LAUDO DE AVALIAÇÃO - LBSA/LA

ITENS	TÍTULO	DATA	LOCALIZAÇÃO
1	001 Vista parcial da fachada	1994	
2	002 Vista parcial da fachada	1994	
3	003 Fachada principal	1994	
4	004 Escritório	1994	
5	005 Pavilhão velho -Depósito	1994	
6	006 Pavilhão velho - Depósito	1994	
7	007 Pavilhão central - Fundos	1994	
8	008 Pavilhão novo - Carda	1994	
9	009 Fiação	1994	
10	010 Pavilhão novo - Fiação	1994	
11	011 Pavilhão novo - Fiação	1994	
12	012 Pavilhão novo - Fiação	1994	
13	013 Pavilhão novo – Fiação Sintético	1994	
14	014 Pavilhão novo - Penteagens	1994	
15	015 Corredor entre o pavilhão antigo e central	1994	
16	016 Pavilhão antigo	1994	
17	017 Pavilhão novo - Fundos	1994	
18	018 Pavilhão novo - Carda	1994	
19	019 Pavilhão central	1994	
20	020 Pavilhão central - Estoque	1994	
21	021 Pavilhão central - Depósito	1994	
22	022 Pavilhão central - Tinturaria	1994	
23	023 Pavilhão central – Lavanderia de lãs	1994	
24	024 Pavilhão central – Praia de Orear	1994	
25	025 Granja São Leopoldo	1994	
26	026 Granja São Leopoldo	1994	
27	027 Granja São Leopoldo - Galpão	1994	
28	028 Granja São Leopoldo - Residência do Posteiro	1994	
29	029 Granja São Leopoldo - Jardim	1994	
30	030 Vista parcial da fachada	1994	
31	031 Vista parcial da fachada	1994	
32	032 Vista parcial da fachada	1994	

SÉRIE: MAQUINÁRIO - LBSA/M

ITENS	TÍTULO	DATA	LOCALIZAÇÃO
1	001 Máquina de cardagem de lã	?	
2	001A Máquina de cardagem de lã	?	
3	001B Máquina de cardagem de lã	?	
4	002 Máquina de cardagem de lã	?	
5	003 Máquina antiga de cardagem de lã	?	
6	003A Máquina antiga de cardagem de lã	?	
7	004 Máquina de lavagem de lã	?	
8	005 Máquina de lavagem de lã	?	
9	006 Caldeira	?	

SÉRIE: PRÉDIO - LBSA/P

ITENS	TÍTULO	DATA	LOCALIZAÇÃO
1	001 Vista parcial da fachada	1978	
2	002 Fundos	1978	
3	003 Fundos	1978	
4	004 Fachada	1980	
5	005 Fachada	1980	
6	006 Vista aérea	1980?	
7	007 Vista aérea	?	

SÉRIE: TRANSPORTE - LBSA/T

ITENS	TÍTULO	DATA	LOCALIZAÇÃO
1	001 Carregamento de fardos de lã	?	
2	002 Carregamento de fardos de lã	?	
3	003 Transporte de fardos de lã	?	
4	004 Transporte de fardos de lã	?	
5	005 Transporte de fardos de lã	?	
6	006 Transporte de fardos de lã	?	
7	007 Transporte de fardos de lã	?	
8	008 Transporte de fardos de lã	?	
9	009 Transporte de fardos de lã	?	
10	010 Transporte de fardos de lã	?	
11	011 Transporte de fardos de lã	?	

Pelotas, 16 de dezembro de 2011.
Chanaísa Melo

Anexo 5- Lista dos Documentos da Laneira Brasileira S. A. localizados na Fototeca Memória da UFPEL

- Uma cópia dos documentos de Registro de Imóveis (Hipoteca) correspondentes às datas de:
 - 06 de março de 1981
 - 24 de julho de 1981
 - 07 de março de 1985
 - 13 de maio de 1997
- Uma cópia do documento de 05 de março de 1981, referente à Carta de Arrematação passada em 31 de dezembro de 1953.
- Uma cópia do documento de 28 de agosto de 1979, referente ao Traslado de Escritura Pública de Compra e Venda da Granja São Leopoldo.
- Uma cópia do documento de 05 de março de 1981, referente à Certidão de Averbação de Compra e Venda de imóvel em 1972.
- Uma cópia do documento de 05 de março de 1981, referente à Certidão de Averbação da Escritura de Compra e Venda de imóvel em 1949.
- Duas cópias do documento de 05 de março de 1981, referente à Certidão de Averbação da Escritura de Compra e Venda de imóvel em 1953.
- Documento original da S. A. Frigorífico Anglo de 27 de agosto de 1979, referente ao recibo de pagamento da Granja São Leopoldo.
- Documento original de 21 de agosto de 1973, e uma cópia do mesmo referente à Averbação de imóveis demolidos para as novas construções da Laneira Brasileira S. A.
- Três cópias do documento de 18 de outubro de 1979, referente à Hipoteca e Quitações (Granja São Leopoldo).
- Documento original de 8 de outubro de 1979, referente a Compra e Venda da Granja São Leopoldo. Anexado ao documento encontra-se uma cópia do documento de 18 de outubro de 1979.
- Duas cópias do documento de 8 de outubro de 1979, referente a Compra e Venda da Granja São Leopoldo. Encontra-se anexado a um destes documentos outra cópia referente à Compra e Venda da Granja São Leopoldo de 18 de outubro de 1979.

- Um conjunto de documentos (originais e cópias) datados a partir de 1978, referentes ao contrato de trabalho, cadernetas de vacinação, ficha salário, entre outros de Maria de Lourdes Costa Goulart.
- Documento original de 31 de dezembro de 1953, referente à Carta de Sentença Cível de formal partilha. Anexado a este documento encontra-se um original de Escritura de Venda e Compra de 13 de março de 1885.
- Documento original de 15 de fevereiro de 1945, referente à Escritura de Compra e Venda.
- Documento original de 19 de março de 1949, referente à Escritura de Compra e Venda. Encontram-se anexados, outros quatro documentos referentes a recibos.
- Documento original de 24 de outubro de 1953, referente à Escritura de Compra e Venda.
- Documento original de 31 de julho de 1953, referente à Escritura de Compra e Venda.
- Documento original de 17 de fevereiro de 1954, referente à Notificação.
- Documento original de 03 de setembro de 1969, referente ao Traslado de Escritura de Compra e Venda. Encontra-se anexado ao documento uma cópia de Averbação de 16 de março de 1966.
- Documento original de 29 de maio de 1972, referente à Escritura de Compra e Venda.
- Conjunto de documentos referentes aos Lotes Urbanos – Av. do Contorno, Bairro Fragata de 05 de dezembro de 1994, no qual constam:
 - uma cópia da planta de parte do terreno de propriedade da Laneira de 26 de abril de 1985;
 - uma cópia da planta do terreno de propriedade da Laneira de janeiro de 1981;
 - 32 cópias referentes aos documentos de Compra e Venda dos imóveis da Laneira, Laudo de Avaliação e Memorial Descritivo;
 - planta arquitetônica original de 1992.
- Parte do documento original com fotografias de 05 de dezembro de 1994, e parte de uma cópia do mesmo referente ao Laudo de Avaliação da Laneira Brasileira S. A.

- Uma cópia da planta referente à área da Laneira (lotes remanescentes do imóvel e área desapropriada pelo DNER) de janeiro de 1981.
- Original da planta nº 1 referente à Fábrica de Tops (localização de pilares) de 08 de junho de 1973.
- Original da planta nº2 referente à Fábrica de Tops (sapatas de fundações - formas) de 15 de junho de 1973.
- Original da planta nº2 referente à Fábrica de Tops (cortes, localização e situação) de 31 de julho de 1973.
- Original da planta de máquina nº 5 (caixa comando Pente Destacador do velo – carda) de 23 de junho de 1978.
- Original da planta elétrica e fachada, sem data.
- Original da planta de instalação elétrica, sem data.
- Um rótulo de novelo de lã.

Anexo 6- Convite da exposição Memória de Fábrica: A Laneira Brasileira

S. A.



MEMÓRIA
DE FÁBRICA
A LANEIRA BRASILEIRA S.A.
PELOTAS

LANEIRA

EXPOSIÇÃO DE
FOTOGRAFIAS
E OBJETOS

ABERTURA: 29 DE MARÇO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PREC
DART
ICH
Instituto de
Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação
em História Social e
Patrimônio Cultural
MUSEOLOGIA
Museu do
Saber e do Fazer
PET
Criação e
Inovação
Fototeca
Universidade

LOCAL
ARMAZÉM I DA EXTINTA FÁBRICA LANEIRA S.A./ UFPEL
ENDEREÇO
DUQUE DE CAXIAS, Nº 104

PERÍODO
30 DE MARÇO A 13 DE ABRIL DE 2012
HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO
SEGUNDA À SEXTA, DAS 10H ÀS 17H

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
REITOR: PROF. DR. ANTONIO CESAR GONÇALVES BORGES
VICE-REITOR: PROF. DR. MANOEL LUIZ BRENNER DE MORAES
PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E CULTURA: PROF. DR. LUIZ ERNANI GONÇALVES ÁVILA
PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO: PROFA. DRA. ELIANA PÓVOAS BRITO
PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO: PROF. DR. MANOEL DE SOUZA MAIA
PRÓ-REITOR ADMINISTRATIVO: PROF. MS. ÉLIO PAULO ZONTA
PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO: ENG. ROGÉRIO DALTRO KNUTH
PRÓ-REITOR DE RECURSOS HUMANOS: ADMIN. ROBERTA TRIENWEILER
PRÓ-REITOR DE INFRA-ESTRUTURA ADMINISTRATIVA: ADMIN. RENATO BRASIL KOURROWSKI
PRÓ-REITORA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL: ASSISTENTE SOCIAL CARMEN DE FÁTIMA DE MATTOS DO NASCIMENTO

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE ARTE E CULTURA/PREC/UFPEL – PROF. DR. JOSÉ LUIZ DE PELLEGRIN

CURADORIA E ORGANIZAÇÃO DA EXPOSIÇÃO:
FRANCISCA FRANCISSCA MICHELON
CHANAÍSA MELO
JOSÉ LUIZ DE PELLEGRIN
FÁBIO ALVES GALLI

PROJETO E PRODUÇÃO GRÁFICA: RAFAELA AZEVEDO